

O Grilo da Lareira

Charles Dickens

Índice

[Canto Primeiro](#)
[Canto Segundo](#)
[Canto Terceiro](#)
[Biografia](#)

Canto Primeiro

Foi a chaleira que começou. Não me contem o que disse a senhora Peerybingle. Muito melhor sei eu o que se passou realmente. Ela que repita até o fim da vida que não sabe qual dos dois começou, que eu replicarei sempre: foi a chaleira. E devo saber o que estou afirmando, não acham? Foi a chaleira que começou uns bons cinco minutos, pelo pequeno relógio holandês de face lustrosa, antes que o grilo contasse pela primeira vez.

Pois não tinha o relógio acabado de dar as horas, e o convulsivo segadorzinho de feno, armado de foice e a pular da direita para a esquerda, diante do palácio mourisco, não havia ceifado um acre de grama imaginária, quando o grilo se manifestou?

Quem é que não sabe que nunca afirmo as coisas com facilidade? Jamais ousaria opor a minha opinião à da senhora Peerybingle, se não tivesse certeza absoluta. Nada me faria proceder assim. Mas aqui, trata-se de um fato. E o fato manda se diga que a chaleira começou pelo menos cinco minutos antes que o grilo desse o primeiro sinal de vida. Contradigam-me, e eu direi dez.

Deixem-me contar como sucedeu, Tê-lo-ia feito logo, se não fosse essa pequena consideração. Se a gente conta uma história, deve, evidentemente, contá-la desde o princípio. E como é possível, sem começar pela chaleira?

Até parece que houve entre esta e o grilo uma corrida. Vejam como foi.

A senhora Peerybingle, enfrentado o gélido crepúsculo, e pisando sobre as lajes úmidas com um par de tamancos que deixava inúmeras impressões grosseiras de primeira proposição de Euclides no quintal, encheu a chaleira no barril de água. Depois, voltando, menos os tamancos (e bem menos, vistos serem eles altos e ela pequenina), pôs a chaleira ao fogo. Assim, fazendo, perdeu o bom humor ou, pelo menos, perdeu-o momentaneamente, pois a água, além de intoleravelmente fria, penetrava, untuosa e suja de neve, qualquer espécie de substância, inclusive os tamancos, tanto assim que lograra atingir os dedos da senhora Peerybingle e até salpicar-lhe as pernas. E quando se é vaidosa das pernas (com muita razão, aliás), e sem tem tanto cuidado com as meias, uma coisa dessas é dura de suportar, ao menos no primeiro instante.

Além do mais, como estava provocante, teimosa a chaleira! Não se ajeitava de maneira nenhuma, não se ajustava sobre os carvões, inclinava-se

para a frente, parecia entontecida, oscilava; enfim, era uma verdadeira maluca no fogo. Briguenta, assobiava e cuspiu com raiva. Por cúmulo ainda, a tampa, revoltando-se contra os dedos da senhora Peerybingle, pôs-se primeiramente de esguelha; depois, com pertinácia digna de melhor causa, mergulhou até o fundo da chaleira. O casco do Royal George não ofereceu a metade da resistência da tampa à patroa, antes que esta conseguisse tirá-la.

Assim mesmo, a chaleira continuou carrancuda e obstinada, atirando para um dos lados a alça, em ar de desafio, e levantando insolentemente o bico em direção à senhora Peerybingle, como para lhe dizer:

– Ah, não, eu é que não vou ferver! Só quero ver quem me obriga!

A senhora Peerybingle, porém, readquirindo o bom humor, limpou as mãozinhas e sentou-se, a rir, diante da estouvada. Enquanto isso, a alegre chama se esticava e encolhia, fazendo cintilar o segadorzinho de feno do relógio holandês. Tinha-se a impressão de que ele se havia imobilizado em frente do palácio mourisco, e que a única coisa que se movia era a chama.

Mas não. Mexia-se, sacudia-se duas vezes por minuto, com toda a exatidão e regularidade; horríveis de ver as suas contorções, quando o relógio estava para dar as horas. E quando de súbito o cuco expôs a cabeça pela portinhola e cantou seis vezes, outras tantas estremeceu ele, como se estivesse a ouvir uma voz cavernosa, ou como se alguma coisa nervosa lhe saltasse por entre as pernas.

Só quando a violenta comoção e o ensurdecedor ruído dos pesos e das cordas desapareceram foi que voltou ao normal. Carradas de razão lhe sobravam para assustar-se, pois esses relógios bulhentos e esqueléticos são impressionantes deveras, e o que me espanta é que haja homens, especialmente holandeses, capazes de inventá-los e apreciá-los. Diz a crença popular que o holandês gosta de caixas amplas, e de abundância de vestes para os membros inferiores; a ser assim, poderiam ter feito coisa melhor, e nunca relógios tão magros e desprotegidos.

Foi então, observem bem, que a chaleira começou a divertir-se. Foi então que, dengosa e musical, começou a gorgolejar e a abandonar-se a curtos bufos, refreados a princípio, como se não estivesse decidida ainda. De repente, após duas ou três tentativas inúteis de dominar os seus sentimentos, pôs de lado toda rabugice, toda a reserva, e prorrompeu num canto alegre e vivo, nunca imaginado por rouxinol nenhum.

Que coisa simples! Olhem, qualquer um poderia tê-lo compreendido como se compreende um livro, e melhor até do que alguns livros nossos conhecidos. Com o seu quente sopro a formar uma nuvenzinha que subia alegre e graciosa, fazendo do canto da chaminé o seu próprio céu, entoou o canto com a poderosa energia que o seu corpo de ferro tirava do fogo. A tampa, a tampa havia pouco tão rebelde – eis o que vale a influência do bom exemplo! – começou, então, a dançar uma espécie de jiga e a retinir como jovem címbalo surdo e mudo que jamais soube do uso de seu irmão gêmeo.

Não há dúvida de que o canto da chaleira era de convite e boas-vindas a alguém que, naquele momento, se aproximava do pequenino e aconchegador lar e do alegre fogo da lareira. Sabia-o a senhora Peerybingle, sentada pensativamente diante do fogo. A noite é escura, dizia a chaleira, e as folhas emurchecidas caem ao chão; lá em cima reina a névoa e a treva; cá em baixo a sujeira e a lama. Só há um alívio no meio de toda esta tristeza, nem sei bem se há, pois não passa de fulgor de um rubro e zangado no ponto em que o sol e o vento juntos incendiam as nuvens culpadas de tal tempo. O campo aberto não é mais que longa e monótona faixa preta, a geada cobre os postes de sinalização, e o gelo se desfaz na estrada. O gelo não é água, a água não é livre, e não se pode dizer que alguma coisa é o que deveria ser. Mas ele vem vindo, vem vindo, vem vindo!...

Foi aqui, se quiserem, que o grilo concordou com um cricrido digno de coro, com uma voz tão desproporcionada ao seu tamanho comparado ao da chaleira (Tamanho? Mas se nem se enxergava!) que, se tivesse naquele mesmo instante estourado como bomba, se tivesse sido despedaçado pelo seu cricrido em cinquenta pedacinhos, teria parecido coisa natural e inevitável, como se para tanto houvesse ele próprio feito incríveis esforços.

Estava findo o solo da chaleira, embora ela prosseguisse com ardor não diminuído. O grilo apoderou-se do primeiro lugar. Meu Deus, que cricridos! A sua voz estridente, aguda, penetrante ressoava pela casa inteira e parecia cintilar na escuridão, lá fora, como verdadeira estrela. Havia nela um indescritível tremor, uma indizível vibração, como se o seu dono, levado pelo entusiasmo, fosse impelido a novos saltos. Mas combinavam bem grilo e chaleira. O estribilho era sempre o mesmo e, rivalizando, os dois o cantavam cada vez mais alto, cada vez mais alto!

A formosa ouvinte – sim, formosa e jovem, apesare de, como se diz, gorduchinha – o que me não desagrada absolutamente – acendeu uma vela,

olhou para o segador do relógio a ceifar boa colheita de minutos, e voltou-se para a janela onde nada conseguiu divisar, em virtude da escuridão, a não ser a imagem do próprio rosto. E a minha opinião (a dos leitores teria sido a mesma, garanto), é que, por mais que olhasse jamais veria coisa tão graciosa. Ao sentar-se novamente, o grilo e a chaleira prosseguiram no dueto, com todo o furor de uma corrida; mas a fraqueza da chaleira foi não saber que estava sendo derrotada.

Havia naquilo toda a excitação das grandes competições. Cricri, cricri, cricri! O grilo vai na frente uma milha. Buf, buf, buf! A chaleira, bem distante, geme como um grande pião. Cricri, cricri, cricri! O grilo acaba de fazer a curva. Buf, buf, buf! A chaleira persegue-o como podem sem a menor ideia de desistir. Cricri, cricri, cricri! O grilo cada vez mais bem disposto. Buf, buf, buf! A chaleira vai devagar, mas vai firme. Cricri, cricri, cricri! O grilo está para vencê-la. Buf, buf, buf! A chaleira não quer dar-se por vencida. Finalmente, de tal forma se entrelaçaram na pressa, na atrapalhão da luta, que houvera sido necessária cabeça melhor que a dos leitores ou que a minha para decidir com certeza se era a chaleira que cantava e o grilo que bufava, ou se o grilo cantava e a chaleira bufava, ou se ambos cantavam e bufavam ao mesmo tempo. Uma coisa, porém, é certa: a chaleira e grilo, no mesmo instante, e por poder de amalgamação só deles conhecido, enviavam o seu canto de conforto por um raio de luz da vela a projetar-se através da janela e a penetrar profundamente na estrada. E a luz, irrompendo sobre certa pessoa que se aproximava no meio da treva, exprimia-lhe tudo num só piscar, e dizia-lhe:

– Bem vindo, meu velho! Bem vindo, meu filho!

Finalmente, a chaleira derrotada acabou de ferver e foi tirada do fogo. A senhora Peerybingle correu para a porta, onde grande balbúrdia se levantou com o ruído das rodas de um veículo, o pisar de um cavalo, a voz de um homem, as idas e vindas de um cão bulhento e o misterioso e surpreendente aparecimento de um bebê.

De onde veio o bebê não sei, nem sei como dele se apoderou a senhora Peerybingle em tão minúscula fraçãozinha de tempo. O que sei é que se tratava de um bebê lindo. Que orgulho o da jovem dona de casa, ao ser levada vaporosamente ao pé do fogo por um homenzarrão muito mais alto e velho que ela, o qual teve de se curvar bastante para poder beijá-la. Mas ela bem que valia a pena! Nunca teriam vacilado aqueles seis pés e seis polegadas de altura, mesmo que atacados de lumbago.

– Ah, meu Deus, João! Exclamou ela. Em que estado você me volta!

Inegavelmente, João achava-se em más condições. A densa neblina solidificara-se-lhes nas pestanas, dando a impressão de açúcar cristalizado, e à luz do fogo, viam-se-lhe pequeninos arco-íris até nas suíças.

– Mas compreenda, Tiquinho, começou João devagar, livrando-se do seu cachecol, e aquecendo as mãos, compreenda! Já não estamos propriamente no verão. Portanto, não é de admirar!

– Por favor, não me chame Tiquinho, João. Bem sabe que não gosto! Disse a senhora Peerybingle, fazendo beicinho e demonstrando claramente que gostava, e muito.

– Mas... então, você o que é? Retrucou João, olhando-a sorrir e enlaçando-a pela cinturinha com a delicadeza que lhe permitia a sua enorme mão e o seu poderoso braço. Um tiquinho e... – e olhou pata o bebê – um tiquinho e... Não, é melhor que eu não diga, mas bem que tenho vontade. Nunca tive tanta vontade assim.

Sempre tinha vontade de dizer alguma coisa interessante, como ele próprio afirmava, o honesto, vagaroso e enorme João, o João tão pesado, mas tão suave nos modos, tão rude no exterior e tão gentil no íntimo, tão lento por fora e tão rápido por dentro, tão obtuso mas tão bom! O’Mãe Natureza, dá a teus filhos a verdadeira poesia de alma oculta no peito do pobre entregador – a propósito, João não passava de simples carreteiro – e não teremos dúvidas em ouvi-los falar em prosa, viver uma vida prosaica, em abençoar-te pela companhia que nos proporcionam!

Era lindo ver Tiquinho, pequenina, com o filho ao colo, verdadeira boneca, olhando pensativa e graciosamente para o fogo, e inclinando a delicada cabeça pata um dos lados o bastante para a apoiar, meio natural, meio artificialmente, como que num ninho, ao vulto rude e grande do marido. Era lindo ver este, com o seu meigo desaire, tentando adaptar o corpo grosseiro à gentil pressão dela e fazer da sua volumosa meia-idade ponto de apoio adequado à mocidade em flor de sua companheira. Lindo de ver também como Tilly Slowboy, um pouquinho afastada, à espera de que lhe confiassem de novo o bebê, examinava cuidadosamente o grupo (apesar de simples adolescente ainda), boquiaberta, de olhos escancarados e cabeça inclinada para a frente, tudo absorvendo como se fosse ar e do ótimo. E não menos lindo observar como João, ao mostrar-lhe Tiquinho o bebê, detinha a mão no instante em que ia tocá-lo, como se receasse esmagá-lo e, curvando-

se, contemplava a razoável distância, com uma espécie de orgulho atônito, mais ou menos o que demonstraria um amável mastim se se viesse, de um dia para outro, pai de um belo canarinho.

– Não é um encanto, João? Adormecido assim, não é um verdadeiro amor?

– Um verdadeiro amor, repetiu João, um verdadeiro amor! Mas está quase sempre dormindo, não é?

– Que é isso, João? Graças a Deus, não!

– Bem, bem, disse o marido, pensativo, pensei que estivesse quase sempre com os olhos fechados. Veja, Tiquinho, veja!

– Meu Deus, João, como você assusta agente!

– Mas não é perigoso virá-los dessa maneira? Perguntou ele, espantado. Veja como está piscando os dois ao mesmo tempo! E olhe para a boquinha! Ora, sim senhor, não é que parece um peixinho de ouro e prata?

– Você não merece ser pai, não merece! Disse Tiquinho, com toda a dignidade de uma matrona experimentada. Também, que poderia entender das dorzinhas que costumam afligir as crianças? Nem os nomes conseguiria aprender, seu bobinho!

E depois de colocar o bebê de bruços sobre o braço esquerdo e bater-lhe levemente nas costas, beliscou, rindo, a orelha do marido.

– É verdade, Tiquinho, nada entendo disso, desculpou-se João, tirando o casaco. O que sei, porém, é que andei lutando bastante contra o vento; durante todo o percurso para cá o nordeste não deixou de soprar um minuto.

– Pobrezinho, não me diga! Exclamou Tiquinho, movimentando-se imediatamente. Tilly, venha cá, pegue o bebê, enquanto eu preparo alguma coisa. Deus que o abençoe, seria capaz de sufocá-lo de beijos, nem há dúvida! Quietinho, Boxer, quietinho, seu cão malvado! Deixe-me preparar o chá antes, João; depois o ajudarei com os seus pacotes. Lembra-se da “Abelhinha atarefada”, João, Não a aprendeu quando ia à escola?

– Não consegui decorá-la, retrucou ele. Uma vez quase a decorei, mas tenho certeza de que teria estragado tudo.

– Ah, ah, riu-se Tiquinho com o tom mais alegre que se pode imaginar. Que bobinho querido me saiu você, João!

Sem se defender daquela acusação, o carreteiro saiu para verificar se o menino com a lanterna, a correr da porta à janela e vice-versa, estava cuidando, como devia, do cavalo, mais gordo do que se poderia julgar pelas

medidas, e tão velho que o seu nascimento se perdia nas trevas da antiguidade. Boxer, sentido que as suas atenções eram devidas à família toda, imparcialmente, entrava e saía com uma inconstância de espantar: umas vezes descrevia círculos acompanhados de curtos latidos, em torno do cavalo, que estava sendo escovado à porta da cachoeira; outras, fingia arremessar-se furiosamente contra a senhora Peerybingle para, quando menos se esperava, estacar de súbito; outras ainda, arrancava um grito de horror de Tilly, sentada numa cadeirinha perto do fogo, ao esfregar-lhe contra o rosto o gélido focinho; em dados momentos, demonstrava profundo interesse pelo bebê; noutros, girava, girava, diante da lareira, e deitava-se, como que decidido a assim passar a noite; de repente, porém, levanta-se de novo e levava para fora o toco de cauda que lhe sobrava, como se se houvesse lembrado de que marcara um encontro.

– Olhe só, o chá ficou pronto na horinha! Exclamou Tiquinho, atarefadíssima, como criança quando brinca de casa. E aqui está o presunto, a manteiga, o pão torrado, tudo! Este é o cesto de roupa para os pacotinhos, João, caso haja alguns... Onde anda você, João? E você, Tilly, cuidado com o bebê, veja o que faz!

Pode dizer-se que Tilly, apesar de repelir com energia as advertências, dispunha de raro e surpreendente jeito para colocar em dificuldades o bebê, a quem já por várias vezes expusera a perigos com uma calma e modo todo seu. Franzina e empertigada, parecia que o vestido, a todo instante, lhe ia deslizar pelos angulosos cabides formados pelos ombros. A sua roupa era notável pela exibição parcial, em todas as ocasiões possíveis, de alguma peça de flanela de aspecto singular, e também por proporcionar, atrás, vislumbres de um corpete, ou par de suportes verdes escuros. Sempre de boca aberta para tudo e, além disso, absorta na perpétua contemplação das perfeições da patroa e do bebê, Tilly, nas suas pequeninas distrações, rendia igual homenagem à cabeça e ao coração; e, muito embora essas distrações rendessem menor homenagem à cabecinha do bebê por ela posta, de vez em quando, em contato com portas, mesas, corrimãos, espaldares de camas, e outras substâncias, não deixavam de ser os honestos resultados do assombro constante da excelente criatura, por se ver bondosamente tratada, e em casa tão confortável. De fato, com pai e mãe desconhecidos, Tilly, criada pela caridade pública, não passava de uma recolhida, palavra que só difere de acolhida pela primeira sílaba, embora os respectivos sentidos sejam bem diversos.

Ver a pequenina senhora Peerybingle voltar com o marido, agarrada ao cesto de roupa e realizando os mais estrênuos esforços para nada fazer (pois ele é que o carregava) teria divertido os meus leitores, tanto quanto divertia a João. Talvez haja até divertido o grilo, que recomeçou os seus cricridos com veemência.

– Olá! Exclamou João, com a sua habitual calma. Pelo que vejo, esse bichinho está mais alegre do que nunca.

– E vai trazer-nos boa sorte, João. Aliás, sempre nos trouxe. Um grilo na lareira é a maior felicidade deste mundo!

O entregador contemplou-a, como se pela cabeça lhe passasse a ideia de que para ele não havia grilo que a superasse, e concordou sem proferir palavra, receoso de meter-se em dificuldades, como sempre.

– A primeira vez que ouvi esse alegre cricrido, João, foi na noite em que você me trouxe para casa... para esta minha nova casa, há quase um ano. Lembra-se?

Como não havia de lembrar-se João!

– O seu cricrido foi para mim a melhor das recepções! Parecia tão cheio de promessas e de encorajamento, parecia dizer-me que você seria bondoso e gentil comigo, e que não esperaria (tive medo disso, João, naquela noite) achar uma cabeça sensata e refletida sobre os ombros da tolinha de sua mulher.

João, pensativamente, acariciou-lhe o ombro e a cabeça, como se pretendesse dizer: Não, não! Não havia esperado achar isso. Contentara-se como o que lhe fora dado receber, e tivera razão.

– E o grilo falou a verdade, João, porque você tem sido, estou bem certa, o melhor, o mais bondoso, o mais afeiçoado dos maridos. Esta casa tem-me proporcionado muita felicidade, e é por isso que gosto do grilo.

– Eu também Tiquinho, eu também.

– Gosto dele, porque já o ouvi muitas vezes, e porque são muitas as ideias que o seu canto desperta em mim. Às vezes, no crepúsculo, quando me sentia um pouco sozinha e triste, antes que o bebê viesse fazer-me companhia e alegrar a casa, quando eu pensava na sua dor, caso eu morresse, e na minha desolação por saber que você nunca mais me teria ao seu lado, o cricri na lareira falava-me de outra vozinha, tão doce, tão querida que, diante dela, se desfazia como um sonho a minha pena. E quando tinha medo – tive-o uma vez, João; eu era muito criança, bem sabe

– de que o nosso casamento não desse bom resultado, por eu ser muito inexperiente, e por você, mais tutor que marido, não poder, apesar de todos os seus esforços, gostar de mim, como queria e pedia, o cricrido animava-me e punha em mim novo alento e nova confiança. Agorinha mesmo, quando estava à sua espera, lembrei tudo isso... E é por isso que gosto do grilo!

– Eu também, repetiu João. Mas... Tiquinho, eu querer e pedir? Que conversa é essa? Gostei de você muito antes de a trazer para cá, como dona desse grilinho amigo!

Ela repousou, por instantes, a sua mão sobre o braço do marido, e olhou-o com rosto agitado, como se pretendesse dizer-lhe alguma coisa. De repente, ajoelhou-se diante do cesto, falando com vivacidade, e remexendo nos pacotes.

– Não há muitos, hoje; mas, vi outras mercadorias na traseira do veículo, e se bem que deem mais trabalho talvez, compensam da mesma forma, de modo que não temos razão de queixa, não é? Além disso, você fez entregas pelo caminho, não foi?

– Sim, e bastantes, respondeu João.

– Mas que é esta caixa redonda? Valha-me Deus, João, um bolo de casamento!

– Como são as mulheres! Descubrem tudo imediatamente! Exclamou João, admirado. Um homem nunca teria tido essa ideia. Estou certo de que se a gente escondesse um bolo de casamento num caixão de chá, debaixo de uma cama, num barril de salmão, que sei eu, em qualquer outro lugar, elas o achariam imediatamente. Sim, Tiquinho, é um bolo de casamento, e trouxe-o do confeitiro.

– E como pesa! Gritou Tiquinho, fingindo levantá-lo. De quem é, hein, João? Para onde vai?

– Leia o endereço no outro lado.

– Sim, senhor, João, sim, senhor!

– Quem o houvera dito? Confirmou o marido.

– Não me diga, prosseguiu Tiquinho, sentando-se no chão e sacudindo a cabeça, que é para Gruff e Tackleton, o fabricante de brinquedos!

João moveu a cabeça em sinal de afirmação.

A senhora Peerybingle também moveu a cabeça pelo menos cinquenta vezes, mas não afirmativamente. Moveu-a um mudo e piedoso assombro,

cerrando firmemente os lábios, com toda a força (não haviam sido feitos para ficar fechados, tenho certeza), e olhando sempre o excelente carreteiro. Tilly, entretanto, que possuía o poder mecânico de reproduzir trechos de uma conversação para deleite do bebê, tirando-lhes todo o sentido, e pondo todos os substantivos no plural, começou a dizer em voz alta que se tratava de Gruffs e Tackleton, fabricantes de brinquedos, que encomendava bolos de casamento na confeitaria, e que a patroa conhecia o conteúdo das caixas, quando papai as trazia. E assim por diante.

– Mas então é verdade! Desabafou finalmente Tiquinho. Imagine que eu e ela fomos companheiras de escola, João!

Talvez tivesse estado o entregador pensado nela, ou quase pensado, tal qual era nos velhos tempos de escola. Mas, embora a fitasse pensativamente e com prazer, nada disse.

– Ele é tão velho, e tão diferente dela! Diga-me, João, quanto anos tem mais que você Gruff e Tackleton?

– Não sei bem quantas xícaras de chá vou beber mais, esta noite, mas para Gruff e Tackleton não são mais do que quatro! Replicou João, bem humorado, puxando uma cadeira para a mesa, e atacando o presunto frio. Quanto ao comer, bem pouco como eu, mas desse pouco gosto bastante, Tiquinho.

Até a sua habitual observação à hora das refeições, uma das suas inocentes ilusões (pois o seu pertinaz apetite o contradizia flagrantemente) não despertou sorriso no rosto de sua mulher a qual, de pé, no meio dos pacotes, empurrou a caixa de bolo devagarzinho para longe com a ponta do pé, sem olhar, apesar de ter os olhos baixos, para o sapato com que geralmente tanto se preocupava. Absorta, não percebia nem o chá nem João (embora este a chamasse, e batesse sobre a mesa com o cabo da faca para lhe atrair a atenção); ele, então, levantando-se, a tocou no braço. Tiquinho fitou-o por um momento, e dirigiu-se rapidamente para trás da mesinha, rindo da sua negligência, mas não como havia rido antes. O tom e o modo eram outros.

Também o grilo deixara de cantar. Não sei porque, mas naquela salinha já não reinava a alegria de antes.

– Os pacotes estão todos aqui, João? Perguntou ela, interrompendo um longo silêncio dedicado pelo honesto carreteiro para a ilustração prática de uma parte da sua observação favorita, apreciando evidentemente o que

estava comendo, já que não era possível admitir comesse bem pouco. Os pacotes estão todos aqui?

– Estão, respondeu ele. Mas... não, não! Eu... – e deixando cair garfo e faca, respirou profundamente – eu me esqueci completamente do velho!

– O velho?

– Sim, o velho que veio comigo. Estava dormindo, no meio da palha, a última vez que o vi. Lembrei-me dele duas vezes, desde que entrei, mas depois, esqueci-me. Olá! Levante-se, venha cá!

Proferiu as últimas palavras fora da porta, para onde correria com uma vela na mão.

Tilly, consciente de uma misteriosa referência a um velho, e, na sua imaginação, ligando-se à frase certas associações de natureza religiosa, perturbou-se de tal maneira que, levantando-se apressadamente do banquinho, para se refugiar ao pé da patroa, e entrando em contato, ao passar diante da porta, com um velho estranho, instintivamente procurou defender-se com o único instrumento ao seu alcance, o bebê, o que provocou grande alarme, aumentando pela vivacidade de Boxer. O fiel cão, mais ponderado que o carreteiro, estivera a espreitar o velho adormecido, de medo que ele fugisse levando alguns tenros choupos amarrados atrás do veículo. Boxer continuava a vigiá-lo, atentando à integridade das suas polainas, e dos seus botões.

– Inegavelmente, o senhor tem um sono excelente, disse João, quando a tranquilidade voltou a reinar.

Entretanto, o velho imobilizara-se no meio da sala, de cabeça descoberta.

– Tão excelente, prosseguiu João, que até tenho vontade de lhe perguntar onde estão ou outros seis possuidores de tão esplêndido sono. Mas isso seria brincar e sei que não sei brincar. Em todo caso, bem que tive vontade, murmurou, com um risinho, bem que tive vontade!

O estranho, dono de longos cabelos brancos, boas feições singularmente firmes e bem desenhadas para um velho, e dois olhos escuros, luminosos e penetrantes, olhou em volta de si com um sorriso e saudou a dona da casa, inclinando gravemente a cabeça.

O seu traje era esquisito, muito, muito antigo, marrom. Numa das mãos segurava um grande bordão castanho. Batendo-o no soalho, fê-lo abrir-se, transformando-o numa cadeirinha, na qual se sentou com toda a compostura.

– Veja! Disse entregador, voltando-se para sua mulher. Foi sentado assim que o encontrei na estrada, mais parecido com um marco do que com gente. É surdo como uma porta.

– Sentado ao ar livre, João?

– Ao ar livre, repetiu ele, e justamente ao cair da noite. “Pago o transporte”, disse-me, e deu-me dezoito pences. Depois subiu ao veículo. Agora está aqui.

– Acho que quer ir embora, João

Mas não. Ele ia era falar.

– Por favor, explicou com delicadeza, daqui a pouco uma pessoa virá buscar-me; portanto, não se importem comigo.

Assim falando, tirou um par de óculos de um dos bolsos, um livro de outro, e sem se apressar começou a ler, dando a Boxer a importância que daria a um simples cordeiro.

João e Tiquinho trocaram um olhar perplexo. O estranho levantou a cabeça e, olhando de um para outro, perguntou:

– Sua filha, meu bom amigo?

– Esposa, respondeu João.

– Sobrinha? Perguntou novamente o estranho.

–Esposa! Bradou João.

– Realmente? Pois olhe que é bem moça!

E o estranho, voltando-se calmamente, continuou a ler. Antes de ler duas linhas, porém, interrompeu-se mais uma vez, para outra pergunta:

– O bebê é seu?

João fez um gigantesco gesto de afirmação, equivalente a um resposta dada por alto-falante.

– Menina?

– Me-ni-no! Gritou João, separando bem as sílabas.

– Bem novinho também, não é?

Imediatamente a senhora Peerybingle interveio.

– Dois meses e três di-as! Foi vacinado há seis se-ma-nas! E suportou a vacina muito bem. O médico diz que é uma criança extraordinariamente linda. É igualzinha às de cinco meses. Entende tudo ma-ra-vi-lho-sa-men-te bem! Olhe, pode parecer impossível, mas já tenta erguer-se sobre os pés!

E a mãezinha ofegante, que estivera a gritar ao ouvido do velho de tal forma que o sangue lhe subira às faces, levantando o bebê, apresentou-lhe triunfantemente, enquanto Tilly, dando um gritinho melodioso, mais parecido a uma palavra desconhecida destinada a saudar um simples espirro, saltava, desenxabida, em volta do tenro e adormecido inocentezinho.

– Ouça, Vieram, buscé-lo, com certeza, disse João. Alguém está à porta. Abra Tilly.

Mas antes que Tilly pudesse alcançá-la, alguém, do lado de fora, abriu-a. Era uma porta muito simples, com um trinco que qualquer um podia puxar facilmente... E eram muitos os que assim procediam, posso assegurar, porque todos os vizinhos gostavam de trocar uma ou duas palavras com o carreteiro, apesar de não ser este muito amigo de falar. No limiar surgiu um homenzinho magro, preocupado, abatido, o qual parecia haver arranjado um casaco com velhos sacos que sem dúvida tinham servido de cobertura a uma caixa mais velha ainda, pois, ao voltar-se para fechar a porta, e evitar a entrada do ar frio, apresentou sobre as peça de roupa a inscrição G & T em grandes letras maiúsculas pretas, e mais a palavra VIDRO.

– Boa noite, João! Boa noite, minha senhora. Boa noite, Tilly, boa-noite, estranho! Como vai o bebê, minha senhora? E o Boxer está bem ao que suponho?

– Tudo bem, Caleb, replicou Tiquinho. Basta olhar para a criança, para ter certeza.

– E para a senhora, disse Caleb.

Mas não olhou para ela. Tinha olhos pensativos e inquietos, sempre a se projetarem aparentemente noutros tempos e noutros lugares, dissesse o que dissesse. O mesmo se dava com sua voz.

– Ou para João, prosseguiu o homenzinho, ou para Tilly, e certamente também para Boxer.

– Muito ocupado, Caleb? Perguntou o carreteiro.

– Bastante, João, respondeu ele, com ar distraído de homem que estivesse, pelo menos, à procura da pedra filosofal, bastante. Atualmente, há uma verdadeira corrida às arcas de Noé. Bem que eu gostaria de melhorar a família, mas não sei como é possível com os preços que andam por aí. Seria uma satisfação, se pudesse fazer uma boa distinção entre uns e outros. Mas,

na escala em que trabalho, que são as moscas comparadas aos elefantes? Ah, muito bem! Trouxe alguma coisa para mim, João?

O entregador pôs a mão num dos bolsos do casaco que havia tirado, e mostrou, cuidadosamente envolto em folha de papel, um pequenino vaso.

– Eis aqui! Disse, endireitando-o. Nem uma folhinha estragada, e cheia de botões!

Os olhos escuros de Caleb brilharam, ao pegá-lo.

– É caro, Caleb, continuou, João, é muito caro nesta estação do ano.

– Pouco importa. Seria barato para mim, fosse qual fosse o seu preço, replicou o homenzinho. Mais alguma coisa, João?

– Uma caixa, esta!

– “Para Caleb Plummer”, leu ele. “Com moedas”. Com moedas, João? Mas então não pode ser para mim.

– “Com modos”, corrigiu-o o entregador, olhando por cima do ombro. Onde é que está vendo moedas?

– Ah, sim, é verdade! Reconheceu Caleb. Está bem. Com modos! Sim, sim, é para mim. Poderia ter sido com moedas, realmente, se o meu querido rapaz da dourada América continuasse vivo. Você gostava dele como de um filho, não é? Não é preciso que diga que sim. É claro que sei. “Caleb Plummer. Com modos”. Sim, sim, está bem, é uma caixa de olhos de bonecas para o trabalho de minha filha. Ah, quem me dera que fossem os próprios olhos de Berta!

– Quem me dera a mim também! Exclamou João.

– Muito obrigado. Você é bem humano, meu amigo. Quando penso que ela nunca poderá ver as bonecas e que estas a contemplam o dia inteiro! É o que mais me dói! Mas, diga-me, João, qual é o prejuízo?

– Prejuízo dou-lhe eu, se quiser saber.

– Você é sempre o mesmo, retrucou o homenzinho, e essa a sua maneira de ser bom. Vejamos: acho que é só.

– E eu acho que não, discordou o entregador. Experimente outra vez.

– Alguma coisa para o nosso chefe, hein? Perguntou Caleb, depois de refletir um pouco. Deve ser. Foi por isso que vim, mas a minha cabeça vive sempre pensando em arcas e coisas parecidas! Ele não esteve aqui?

– Não. Tem andando ocupado, muito ocupado, noivando.

– Mas há de vir, disse Caleb, pois me ordenou me conservasse perto da estrada ao voltar para casa, que com certeza haveria de alcançar-me. Acho melhor ir. A senhora quer ter a bondade de me deixar beliscar a cauda de Boxer um instantinho só?

– Ora, Caleb, que pergunta!

– Desculpe-me, minha senhora. Talvez ele não goste. Acaba de chegar um pedido de cães que ladrem, e eu queria seguir a natureza o mais possível. É só, minha senhora, mas não faz mal.

De repente, Boxer, sem nenhum estímulo por parte de Caleb, começou a ladrar furiosamente. E como aquilo indicava a aproximação de outro visitante, Caleb, adiando o seu estudo da natureza para ocasião mais oportuna, pôs a caixa redonda sobre o ombro, e despediu-se. Podia ter poupado o trabalho, porém, pois deu com o visitante no limiar da porta.

– Ah, você está aqui? Espere um momento, que o levarei para casa. João Peerybingle, os meus cumprimentos a você, e a sua esposa, cada vez mais linda, e cada vez melhor, se é possível! E mais jovem, murmurou por entre os dentes o recém-chegado, e isso é que é o diabo!

– Ficaria admirada com os seus cumprimentos que não são feitos propriamente com a melhor graça do mundo, senhor Tackleton, se não fosse a sua situação.

– Quer dizer que já sabe de tudo?

– Tive que acreditar, retrucou Tiquinho.

– Após muita luta, não é?

– Sim.

Tackleton, o fabricante de brinquedos, quase geralmente conhecido por Gruff e Tackleton – tal havia sido a firma noutros tempos, embora Gruff houvesse sido pago e alijado havia muito tempo, só deixando o seu nome e, como diziam alguns, a sua natureza rabugenta no negócio – Tackleton, o fabricante de brinquedos, era homem cuja vocação não fora compreendida nem pelos pais nem pelos mestres. Se o tivessem feito agiota, procurador, oficial de distrito, ou corretor, poderia ter-se aliviado do fel na juventude e, após haver desabafado em transações de péssima fama, tornar-se amável finalmente, por amor ao repouso e à novidade. Mas, acorrentado e enraivecido pelo pacífico mister de fabricante de brinquedos, era um ogro doméstico, sempre a viver à custa das crianças de quem era inimigo implacável. Tackleton desprezava os brinquedos, jamais teria comprado um

só que fosse e, na sua maldade, deliciava-se em dar expressões medonhas aos camponeses de papel marrom que levavam porcos ao mercado, aos sineiros que anunciavam consciências perdidas de advogados, às velhas, móveis que remendavam meias ou cortavam bolos. Em se tratando de máscaras horrorosas, espantosos polichinelos cabeludos, de olhos rubros, metidos em caixas, vampiros, acrobatas satânicos que por nada ficavam parados, e saltavam sempre para a frente com grande terror das crianças, a sua alma se extasiava. Eram o seu único alívio, a sua válvula de segurança. Nessas invenções, era grande. Qualquer coisa que pudesse provocar um pesadelo constituía para ele verdadeira delícia. Chegara até a perder dinheiro (e apegara-se ao brinquedo) no preparo de chapas fantásticas para lanternas mágicas, onde as forças das trevas se apresentavam como espécie de peixes sobrenaturais com caras humanas. Na intensificação das imagens de gigantes, havia despendido bom capital; e, embora não fosse pintor, sabia indicar aos seus artistas, com um pedaço de giz, certos olhares furtivos para os rostos dos monstros bastante para destruir a paz de espírito de qualquer menino de seis a onze anos, durante todas as férias de natal ou de verão.

O que era em matéria de brinquedos, era (como a maioria dos homens) em todas as outras coisas. Fácil de ver portanto que, sob a capa verde que se lhe estendia até a barriga das pernas, se encontrava, abotoado até o queixo, um indivíduo extraordinariamente simpático, um espírito de escol, o mais agradável dos companheiros que jamais se viram num par de botas de ponta chata e topo cor de mogno.

No entanto, Tackleton, o fabricante de brinquedos, ia casar-se. Apesar de tudo, ia casar-se e, ainda por cima, com uma criatura verdadeiramente linda.

Nada tinha de noivo, com a sua careta, um pau enfiado no corpo, o chapéu atirado sobre o nariz, as mãos metidas bem no fundo dos bolsos, e todo o seu sarcasmo a espreitar por um cantinho do olho, como essência concentrada de numerosos abutres. Mas pretendia ser noivo.

– Dentro de três dias, na próxima quinta-feira! O último dia do primeiro mês do ano será o do meu casamento!

Já disse que tinha sempre um dos olhos escancarados e outro quase fechado, e que o olho quase fechado era o expressivo? Não sei se já disse.

– Será o do meu casamento! Repetiu Tackleton, fazendo ressoar as suas moedas.

– E é também o do nosso casamento! Exclamou João.

– Ah, ah! Riu-se Tackleton. Estranho, porque somos o mesmo tipo de casal!

Não se pode descrever a indignação de Tiquinho diante daquela afirmação. Que mais iria dizer Tackleton? A sua imaginação o levaria, evidentemente, à possibilidade de um bebê também igualzinho. Aquele homem estava louco!

– Ouça, quero falar-lhe em particular, murmurou Tackleton, dando de cotovelo em João, e levando-o um pouquinho para longe. Você irá ao casamento? Nós ambos navegamos as mesmas águas, sabe, não é?

– Navegamos as mesmas águas? Repetiu João.

– Uma pequenina disparidade, bem sabe, disse Tackleton, com outra cotovelada. Venha passar uma tarde conosco, antes da cerimônia.

– Por quê? Perguntou João, atônito perante tão inesperado convite.

– Por quê? Repetiu o outro. Não entendo esse seu modo de receber um convite, João. Por prazer, evidentemente, por sociabilidade, por... Enfim, compreenda!

– Mas eu sempre pensei que o senhor não fosse sociável, disse João, com a sua simplicidade.

– Ora, ora! Com você a única maneira de falar é francamente, disse Tackleton. Pois bem, a verdade é que você e sua esposa possuem... o que os bebedores de chá chamam de aparência feliz. Apesar disso, nós sabemos bem melhor como são as coisas na realidade, mas...

– Não, nós não sabemos, atalhou João. De que está falando?

– Bem, nós sabemos, concordou Tackleton. Como quiser. Que importa afinal? O que eu queria dizer é que, como você e sua esposa têm essa aparência, a sua companhia produzirá efeito favorável na futura senhora Tackleton. E, embora saiba que sua esposa não me vê com bons olhos, estou certo de que, neste ponto, não pode deixar de concordar comigo, pois, dona que é de tamanha afabilidade, a sua influência é infalível mesmo em assunto indiferente. Você vai?

– Já fizemos os nossos preparativos para festejar o aniversário do nosso casamento em casa, disse João. É coisa assentada há seis meses. Achamos que o lar...

– Mas que é um lar, afinal? Interrompeu-o Tackleton. Quatro paredes e um teto! (Por que não mata esse grilo? Eu, no seu lugar, o mataria! Aliás é o

que sempre faço. Odeio esses bichinhos!) Em minha casa também há quatro paredes e um teto. Venha, pois!

– O senhor mata os seus grilos? Perguntou João.

– Esmago-os, replicou o outro, comprimindo o salto da bota contra o soalho. Você vai? É tanto do seu interesse como do meu, bem sabe, que as mulheres se persuadam da sua tranquilidade e contentamento, e de que não poderiam levar vida melhor. Sei como são. O que uma diz, outra faz certamente. Nelas o espírito de emulação é tão forte que se sua esposa disser à minha “Sou a mulher mais feliz do mundo, meu marido é o melhor que há, e eu o adoro”, a minha dirá o mesma à sua, ou mais, e acabará por acreditar no que diz.

– Então, ela não acredita? Perguntou João.

– Não acredita? Gritou Tackleton, com uma risadinha aguda. Não acredita o que?

João teve vontade de acrescentar: “que o adora”. Mas, sucedendo-lhe encontrar o olho semifechado a faiscar sobre ele, por cima da gola da capa, verificou imediatamente que fazia parte de um todo de modo nenhum adorável. Limitou-se, portanto, a concluir assim:

– Não acredita no que diz.

– Ah, seu malandro, está brincando, hein?

Mas o entregador, apesar de lento em compreender o significado total das suas palavras, encarou-o com tamanha seriedade que Tackleton se viu obrigado a ser um pouco mais claro.

– Deu-me na veneta, disse ele, segurando os dedos da mão esquerda, e batendo de leve no indicador, como quem diz “Lá vou eu, Tackleton”, deu-me na veneta casar-me com uma criatura muito moça e linda. – E bateu no mindinho para indicar a noiva, o que fez com firmeza, com a firmeza de quem sabe o que é poder. – Posso satisfazer o meu capricho, e satisfaço. É meu. Mas... olhe aqui.

E mostrou o lugar em que Tiquinho se havia sentado, pensativamente, diante do fogo, apoiando o queixo sobre a mão e contemplando as chamas. João olhou para ela, depois, para ele, voltou a olhar para ela e depois, novamente, para ele.

– É uma esposa honrada e submissa, não há dúvida, disse Tackleton. E, como não sou homem de sentimento, é o bastante para mim. Mas você acha que há mais alguma coisa?

– Eu acho, observou João, que atiraria pela janela afora quem ousasse dizer que não há.

– Exato, retrucou Tackleton, com desusada rapidez, exato! Não duvido absolutamente do que afirma, não duvido. Boa-noite, e sonhe bem!

O entregador, embaraçado, inquieto e incerto, apesar de tudo, não pôde evitar que os modos lhe traíssem o que lhe ia na alma.

– Boa-noite, meu caro amigo! Disse Tackleton, compassivamente. Vou retirar-me. Mas vejo que somos exatamente iguais. Não vai, então, visitar-nos amanhã? Não faz mal! Na próxima vez em que você for visitar alguém, hei de o saber, e lá o encontrarei, levando minha mulher, o que fará bem a ela. Concorda? Muito obrigado... mas, que é isso?

Tiquinho dera um grito, um grito agudo e repentino que fizera a casa ressoar, como se fosse de vidro. Levantara-se e parecia petrificada pelo terror e pela surpresa. O estranho aproximara-se do fogo para aquecer-se, e encontrava-se a um passo da cadeira.

– Tiquinho, gritou João, Maria querida! Que foi?

Todos a rodearam. Caleb, que estivera a dormir sobre a caixa do bolo, no primeiro instante, sem ter ainda recobrado a lucidez, agarrou Tilly pelos cabelos. Mas, imediatamente, desculpou-se.

– Maria! Exclamou João, amparando-a. Está se sentindo mal? Que foi? Fale!

Mas ela limitou-se a responder batendo as mãos, e desatando a rir nervosamente. Livrando-se dos braços do marido, deixou-se cair no chão, cobriu o rosto com o avental e começou a chorar. De repente, riu outra vez, para logo depois voltar a chorar. Queixou-se do frio, e permitiu que João a levasse ao pé do fogo, onde tornou a sentar-se como antes, enquanto o velho permanecia imóvel no mesmo lugar.

– Estou melhor agora, João, disse. Estou bem, agora, es...

João? Mas se João estava no outro lado! Por que voltara Tiquinho o rosto para o velho, como se estivesse falando com ele? Estaria delirando?

– Foi só imaginação, meu bem, uma espécie de choque, alguma coisa que me surgiu, de súbito, diante dos olhos. Não sei o que foi. Mas já acabou, já passou.

– Alegro-me com isso, murmurou Tackleton, percorrendo com o seu olho expressivo toda a sala. Não sei o que foi, nem sei para onde se dirigiu. Hum! Caleb, venha cá! Quem é esse sujeito de cabelos brancos?

– Não sei, senhor Tackleton, respondeu Caleb com um fio de voz. Nunca o vi. Belo modelo para quebra-nozes, belo e original modelo! Com uns arranjosinhos, seria maravilhoso!

– Não é tão medonho assim, disse Tackleton.

– Ou para uma caixa de fósforos, observou Caleb, imerso em profunda contemplação. Que modelo! Dentro da cabeça ficariam os fósforos; para acendê-los, bastaria virar a caixa de cabeça para baixo. Que maravilha para a sala de um cavalheiro!

– Não é tão medonho assim, repetiu Tackleton. Não vejo nada de extraordinário nele. Vamos, pegue essa caixa! Tudo bem, agora?

– Oh, já passou, já passou! Disse Tiquinho, despedindo-o com um gesto. Boa-noite!

– Boa-noite! Boa-noite, João Peerybingle. Cuidado com essa caixa, Caleb. Deixe-a cair, que eu o mato. Escuro como breu, e o tempo cada vez pior, hein? Boa-noite.

Assim, como outro rápido relance pela sala, Tackleton saiu, seguido de Caleb que levava à cabeça o bolo de casamento.

João, de tão assustado e entretido em acalmar Tiquinho, mal se lembrara da presença do estranho, a não ser quando, voltando-se, deu com ele, ao seu lado, sozinho.

– Como não vieram buscá-lo até agora, preciso dizer-lhe que se vá.

– Desculpe-me, meu amigo, começou o velho, aproximando-se de João, e desculpe-me ainda mais, pois temo que sua esposa não está passando bem, mas visto que não veio buscar-me a pessoa que a minha enfermidade – e tocou os ouvidos, sacudindo a cabeça – torna quase indispensável, acho que houve algum engano. A péssima noite que tornou o abrigo da sua confortável carroça (que eu nunca mais tenha outra pior!) tão atraente, continua péssima. Não quer ter a bondade de alugar-me uma cama?

– Pois não! Gritou Tiquinho. Pois não, certamente!

– Bem, disse João, surpreendido com a rapidez daquele consentimento, bem. Não ponho obstáculos, mas não estou bem certo...

– Cale-se, interrompeu-o ela, cale-se, meu bom João!

– Ora, pois se é surdo como uma porta, insistiu o entregador.

– Eu sei, que é, mas... Sim, senhor, certamente, certamente! Vou já, já, aprontar-lhe uma cama.

A sua vivacidade, a sua agitação era tão esquisita que João ficou a contemplá-la, confuso.

– Sua mãe, então, preparou-lhe uma cama, disse Tilly ao bebê. E o seu cabelo ficou castanho e ondulado, quando tirou o boné, e ele assustou a maravilha de criatura sentada ao pé do fogo!

Com a inexplicável atração da mente pelas insignificâncias, o que às vezes se dá nos estados de confusão e dúvida, João, caminhando de um lado para outro, começou a repetir mentalmente aquelas absurdas apalavras tantas vezes que as decorou, como se se tratasse de uma lição, quando Tilly, após friccionar a cabecinha do bebê com a mão, como fazem as enfermeiras, pôs de novo a touca no lugar.

– E ele assustou a maravilha de criaturas sentada ao pé do fogo. Que foi o que assustou Tiquinho é que eu queria saber! Cismou João, continuando a caminhar.

Repelia, do fundo do coração, as insinuações do fabricante de brinquedos. Contudo, enchiam-no de vaga inquietação, porque Tackleton era astuto, ao passo que ele não. Além disso, tinha a dolorosa noção de ser pouco inteligente e não saber valer-se de sugestões. Não possuía certamente a menor intenção de ligar o que Tackleton dissera com o procedimento esquisito de sua mulher, mas os dois assuntos se lhe apresentavam juntos, e não conseguia separá-los.

A cama, dali a pouco, ficou pronta. E o visitante, contentando-se apenas com uma xícara de chá, retirou-se. Tiquinho, então, afirmando que se achava perfeitamente bem outra vez, arrumou a poltrona ao lado da chaminé para o marido, encheu-lhe o cachimbo e deu-lho. Depois, sentou-se no seu costumeiro banquinho perto dele.

Sentava-se sempre naquela banquinho, talvez com a vaga noção de que se tratava de um banquinho carinhoso e amigo.

Sabia encher cachimbos como ninguém nos quatro cantos do mundo. Vê-la enfiar o dedinho no forninho, depois soprar no tubo para limpar e, feito isso, fingir que ainda havia alguma coisa, soprar umas doze vezes, para em seguida levá-lo a um dos olhos, como se fosse uma luneta, com um gesto de provocação no encantador rostinho ao depô-lo, era coisa engraçadíssima. Quanto ao tabaco, conhecia-o perfeitamente, e acendia-o sempre com um pedacinho de papel, sem chauscar sequer a ponta do nariz de João, com habilidade digna de nota.

O grilo e a chaleira o reconheciam. O fogo, brilhante, também. E assim o segadorzinho. Mas o primeiro em o reconhecer era João, cuja testa se desanuviou.

E, estando pensativamente a fumar, o relógio holandês a fazer tique-taque, o fogo a brilhar, o grilo, gênio da lareira e do lar, transformou-se em fada na sala, e fez desfilar perante os olhos de João muitos e muitos lares. Tiquinhos de todas as idades e de todos os tamanhos se apinhavam naquele aposento; Tiquinhos que não passavam de alegres crianças, a correr e colher flores nos campos; Tiquinhos tímidos, a fugir e a ceder às súplicas das imagens dele, Tiquinhos recém-casadas, Tiquinhos descendo à porta, e apossando-se das chaves das casas, Tiquinhos matronas, ainda jovens e formosas, vigiando Tiquinhos filhas em bailes campestres, Tiquinhos gordas, rodeadas e assaltadas por tropas de netos rosados, Tiquinhos murchas, apoiadas em bordões, arrastando-se com dificuldade. Velhos Joões também, tendo aos pés Boxers esgotados e cegos, e veículos mais novos com carreteiros mais moços (e o leiteiro “Irmãos Peerybingle”), velhos Joões doentes, cuidados por mãos gentis, túmulos e Joões no cemitério. Quando o gênio lhe mostrou tudo aquilo, João viu claramente, apesar de ter os olhos fitos no fogo, o seu coração aliviou-se, e ele, agradecendo aos deuses do lar, deixou de pensar em Gruff e Tackleton.



Mas que vulto de moço era o que o mesmo grilo pusera tão perto do banco de Tiquinho? Por que se demorava, tão perto dela, com o braço sobre a moldura da chaminé, e repetia:

– Casada com outro!

Oh, Tiquinho trêmula e amedrontada! – Não há lugar para esse vulto nas visões de seu marido, não há lugar! Por que veio essa sombra cair na lareira de João?

Canto Segundo

Caleb Plummer e sua filha cega viviam sozinhos – Deus que abençoe, e os meus leitores também, os livros de histórias, porque, afinal, sempre nos contam alguma coisa! – Caleb Plummer e sua filha viviam sozinhos num casebre de madeira que não passava de simples espinha no nariz saliente e rubro da moradia de Gruff e Tackleton, a mais imponente da rua. Uma ou duas marteladas teriam sido suficientes para por abaixo o abrigo de Caleb cujos destroços nem dessem talvez para encher uma carroça.

Se, numa incursão, alguém fizesse ao casebre de Caleb a honra de poupá-lo, seria, sem dúvida, para recomendar a sua imediata demolição como melhoramento dos mais importantes. Grudava-se ele à moradia de Gruff e Tackleton, como os crustáceos aos cascos dos navios, os caracóis às portas, os cogumelos às árvores. Mas era o germe que havia dado origem ao tronco de Gruff e Tackleton; e sob o seu teto o penúltimo Gruff fabricara, em pequena quantidade, brinquedos para uma geração de meninos e meninas, já idosos agora, os quais, após com eles se divertirem até não poder mais, procuravam o sono reparador.

Disse que Caleb e sua filha cega ali viviam. Deveria ter dito, porém, que Caleb é que ali vivia, pois a ceguinha vivia alhures, num lar encantado, onde a escassez e a penúria não existiam, e a dor jamais entrava. Caleb não era feiticeiro, mas a única magia que ainda nos resta, a do amor devotado e imorredouro, a natureza fora companheira dos seus esforços, e a ele é que se deviam todas as maravilhas.

Berta não sabia que as paredes estavam cheias de manchas, que o reboco se desfazia cá e lá, que grandes brechas se alargavam de dia para dia, que as vigas do telhado, apodrecidas se curvavam. Não sabia que o ferro ia sendo carcomido, que a madeira ia sendo destruída pelo tempo, que o papel se descolava, que se ia alterando, enfim, a própria conformação do casebre. Não sabia que sobre a mesa se alinhavavam horrorosas formas de porcelana, que a tristeza e o desalento reinavam por toda parte, que, aos poucos, os cabelos de seu pai iam embranquecendo diante de dois olhos que nada viam. Não sabia que tinham um patrão frio, exigente, desumano. Não sabia, numa palavra, que Tackleton era Tackleton. Imaginava-o um excêntrico que gostava de divertir-se com eles e que, se bem fosse um

verdadeiro anjo de guarda, desdenhava ouvir qualquer palavra de agradecimento.

E isso tudo era obra de Caleb! Ele também possuía um grilo na lareira; e ouvindo, tristemente, o seu canto, quanto Berta, órfã, era bem criança, havia sido inspirado a transformar a grande desgraça de sua filha numa benção, e fazê-la viver feliz com tão poucos meios, Os grilos são poderosos espíritos, todos eles, muito embora a gente não o saiba (o que sucede com frequência), e não há no mundo invisível vozes mais gentis e leais que só dão os mais ternos conselhos.

Caleb e Berta encontravam-se na salinha de trabalho que também lhes servia de sala de estar. Que lugar esquisito! Havia casas terminadas e não terminadas para bonecas de todos os tamanhos. Casas suburbanas para bonecas de meios moderados, um quarto e cozinha para bonecas de classes inferiores, belíssimas casas centrais para bonecas de alta sociedade. Algumas eram mobiliadas de acordo com orçamentos que levavam em conta as posses das bonecas; outras podiam ser decoradas da maneira mais luxuosa, a uma simples ordem, com o auxílio de prateleiras cheias de mesas, sofás, cadeiras, camas e almofadas. A nobreza, a burguesia, o público em geral, a quem se destinavam as moradias, jazia cá e lá, em cestos, olhando sem cessar para o teto; mas na indicação da sua classe social, e na classificação dos seus respectivos postos (lamentavelmente difícil na vida real, segundo mostra a experiência), os fabricantes haviam em muito superado a natureza, frequentemente maligna e perversa, pois, não se limitando apenas a sinais arbitrários como o cetim, o algodão e os farrapos, tinham acrescentado notáveis diferenças físicas que eliminavam qualquer erro. Assim, por exemplo, a dama da alta sociedade possuía membros de cera perfeitamente simétricos; mas isso era só para ela e as suas iguais. Passavam a ser de couro os da categoria imediata, e de pano grosseiro os da seguinte. Quanto à gente comum, trazia, no lugar de braços e pernas, simples fósforos, e era imediatamente colocada na esfera que lhe cabia, longe de qualquer possibilidade de sair dela.

Viam-se outras amostras da habilidade de Caleb; além das bonecas, arcas de Noé nas quais, posso assegurar aos meus leitores, se apinhavam aves e animais, embora pudessem ser postos de qualquer jeito no telhado, e até comprimidos no menor dos espaços. Por uma ousadia só explicável pela imaginação, a maioria dessas arcas tinha aldravas nas portas, apêndices incoerentes talvez, que sugeriam visitantes matutinos e carteiros, mas que

davam ao exterior do brinquedo um aspecto mais do que atraente. Havia dúzias de melancólicas carrocinhas que, movendo-se, executavam músicas dolentes, numerosos violinos, tambores e outros instrumentos de tortura, canhões, escudos, espadas, lanças e espingardas; pequeninos acrobatas de calções vermelhos, vencendo incessantemente elevados obstáculos de fita vermelha, e caindo, de cabeça para baixo, no outro lado; inúmeros anciãos de aparência respeitável, para não dizermos venerável, voando doidamente por cima de varetas horizontais atravessadas, de propósito, nas portas das suas casas; animais de toda espécie, sobretudo cavalos de todas as raças, desde o simples cilindro pintado, sobre quatro pedacinhos de madeira e tendo por crina uns simples pelinhos, até o esplêndido corcel de balanço, todo cheio de si. Assim como seria difícil contar as dúzias e dúzias de figuras grotescas sempre prontas a cometer os maiores desatinos a uma simples volta de manivela, assim também não teria sido fácil mencionar loucura, vício ou fraqueza humana que não dispusesse do seu tipo, imediato ou remoto, na sala de trabalho de Caleb Plummer. Exageros, porém, não existiam, pois com poucas cordas homens e mulheres praticavam muito mais loucuras que as de qualquer brinquedo.

No meio de todos esses objetos é que Caleb e Berta trabalhavam, a ceguinha costurando vestidos de bonecas, e Caleb pintando e lustrando a fachada de uma rica mansão.

O cuidado impresso nas feições de Caleb, e sua maneira absorta e sonhadora, própria de um alquimista ou estudante de abstrusidades, formavam, à primeira vista, estanho contraste com a sua ocupação e as trivialidades que o cercavam. Mas as coisas triviais, inventada e feitas para se ganhar o pão de todos os dias, tornam-se sérias, seríssimas. E a não ser tal consideração, não estou absolutamente em condições de dizer que, se Caleb houvesse sido lorde-camareiro, membro do parlamento, advogado, ou mesmo um grande especulador, teria lidado com os seus brinquedos um tantinho assim menos fantasiosamente, ao passo que duvido muito tivessem estes sido tão inocentes.

– Então, papai, o senhor ontem, apesar da chuva, saiu com o seu belo casaco, hein? Perguntou Berta.

– Com o meu belo casaco, respondeu Caleb, olhando para uma corda esticada donde pendia para secar o seu podre abrigo feito de sacos velhos.

– Como estou contente porque o senhor o comprou!

– E de um ótimo alfaiate, ainda por cima, retrucou Caleb. Um alfaiate da moda. Acho que é bom demais para mim.

A ceguinha, interrompendo o trabalho, riu com alegria.

– Bom demais, meu pai? Que pode haver bom demais para o senhor?

– Envergonho-me de usá-lo, continuou Caleb, observando o efeito das suas palavras no rosto iluminado da filha, envergonho-me. Quando ouço a molecada dizer atrás de mim “Olá, vejam só que elegância!” nem sei o que fazer. E o mendigo, então, que não queria deixar-me em paz, ontem? Quando lhe afirmei que não passava de um homem comum, protestou: “Ah, não, meu senhor! Não diga isso!”. Aí é que me senti realmente envergonhado, e percebi que não tinha o direito de usar um casaco tão bonito.

Que alegria a da pobre ceguinha!

– Vejo-o, meu pai, disse ela, entrelaçando as mãos, tão bem como se tivesse a vista que nunca me faz fala quando estou com o senhor. Um casaco azul...

– Azul claro, corrigiu Caleb.

– Sim, sim, azul claro! Exclamou Berta, levantando o rosto. A cor do céu. O senhor já me disse que o céu é azul! Um casaco azul claro...

– Um pouquinho folgado, sugeriu Caleb.

– Um pouquinho folgado! Repetiu a ceguinha, rindo. E nele meu pai, com os seus olhos alegres, a face sorridente, o passo firme e os cabelos escuros, tão jovem e tão simpático!

– Vamos, vamos, Berta, interrompeu-a Caleb, assim, acabo convencido.

– E eu acho que o senhor já está, gritou ela. Conheço-o, meu pai! Ah, ah, ah! Descobri, está vendo?

Que diferença entre o Caleb imaginado por Berta, e o Caleb sentado naquela salinha! A pobre ceguinha tinha razão em supô-lo homem de passo firme. Por anos e anos, Caleb jamais havia cruzado o limiar da porta a não ser com o passo que convinha aos ouvidos de sua filha e embora, a maioria da vezes, trouxesse o coração amargurado, nunca se esquecia do passo que tornava o dela tão alegre e confiante!

Só Deus sabe, mas eu por mim penso que a esquisitice de modos de Caleb provinha em parte do fato de, por amor à filha, haver-se transformado a si próprio e a tudo quanto o rodeava. Como podia deixar de ser esquisito,

após de esforçar, durante tantos anos, por destruir a sua própria personalidade e a de todos os objetos que com ela tinham alguma relação?

– Pronto! Exclamou Caleb, afastando-se um pouco para melhor julgar o seu trabalho. Está tão parecido à realidade que com ela se confunde. Que pena que a fachada se abra de uma vez só! Se houvesse uma escada e portas nos quartos! Mas aí é que está o defeito da minha profissão: ando sempre a me iludir.

Por que está falando tão baixinho, assim, meu pai. Sente-se cansado?

– Cansado? Repetiu Caleb, com uma grande explosão de entusiasmo. Nada poderia cansar-me, Berta! Nunca estive cansado. Por que me faz essa pergunta?

Para dar maior força às suas palavras, imitou involuntariamente duas figuras que se espreguiçavam e bocejavam numa estante, como que a representar eterno cansaço da cintura para cima. E começou a cantarolar uma canção em honra a Baco e a uma taça brilhante, com voz de quem pouco se importa, o que fazia o seu rosto mil vezes mais magro e abatido do que nunca.

– Cantando, hein, estranhou Tackleton, pondo a cabeça pelo vão da porta. Vá lá! Eu é que não sei cantar.

Não havia perigo que alguém o julgasse capaz de tal coisa. O seu rosto não denotava jeito algum de quem pode cantar.

– Não sei cantar, afirmou Tackleton, e gosto que você saiba. Mas espero que saiba trabalhar também. Duvido, contudo, que sobre tempo para ambas as coisas, não acha?

– Se você pudesse ver, Berta, como ele está piscando para mim! Murmurou Caleb. Que homem para brincar! Se você não o conhecesse, diria que está falando sério, não diria?

A ceguinha sorriu, com um sinal de assentimento.

– A ave que sabe cantar, mas não quer, deve ser obrigada a cantar, assim dizem, resmungou Tackleton. Mas que dizer da coruja que não sabe cantar, que não deve cantar, e quer? Há alguma coisa que a gente possa obrigá-la a fazer?

– Como está piscando! Murmurou Caleb para sua filha. Que coisa interessante!

– Sempre alegre e despreocupado conosco! Exclamou Berta.

– Ah, você está aí? Disse Tackleton. Pobre tolinha!

Tinha certeza de que Berta era tola, e fundava a sua certeza, não sei se conscientemente ou não, no fato de ela o apreciar bastante.

– E então, já que está aí, como vai? Perguntou-lhe Tackleton, num resmungo.

– Bem, muito bem, e feliz como o senhor quer que seu seja, feliz como o seria o mundo todo, se o senhor pudesse!

– Pobre tolinha! Murmurou Tackleton para si. Nem um restinho de razão, nem um restinho!

Berta, pegando-lhe a mão, beijou-a, segurou-a por instantes entre as suas e, antes de a largar, nela encostou ternamente a face. Havia naquilo tão indizível afeto e tão fervorosa gratidão que o próprio Tackleton, num resmungo mais suave que os habituais, perguntou:

– Mas que é isso, menina?

– Coloquei-a ao lado do meu travesseiro quando fui dormir ontem de noite, e lembrei-me dela nos meus sonhos. Quando o dia despontou, e o esplêndido sol vermelho... sol vermelho, não é, papai?

– Vermelho ao romper do dia e ao cair da noite, Berta, disse o pobre Caleb, olhando dolorosamente para o chefe.

– E o sol se ergueu, e a fúlgida luz contra a qual receio bater, quando caminho, entrou no quarto, voltei a árvore para ela, agradei aos céus fazerem coisas tão lindas, e abençoei o senhor por mandá-las a mim!

– Loucura da boa! Pensou Tackleton. Daqui a pouco chegaremos à camisa de força... Vamos indo bem!

Caleb, torcendo as mãos, ficou com os olhos perdidos na distância, enquanto a filha falava, como que realmente duvidando (e eu acho que estava) de que Tackleton havia feito alguma coisa para merecer aqueles agradecimentos. Se gozasse de inteira liberdade, naquele momento, e lhe ordenassem, sob pena de morte, que lhe desse um safanão ao fabricante de brinquedos, ou caísse aos seus pés, reconhecendo todas as suas qualidades, creio teriam sido iguais as probabilidades, creio teriam sido iguais as probabilidades de ele fazer uma coisa ou outra. Contudo, bem sabia que, com as suas próprias mãos, havia trazido para a querida ceguinha a pequena roseira, e com que cuidado! Com os seus próprios lábios é que forjara a inocente mentira que serviria para que ela nunca suspeitasse, nunca, toda a sua abnegação, todo o seu sacrifício, para vê-la cada vez mais feliz.

– Berta, disse Tackleton, assumindo, por um instante, um tom cordial. Venha cá.

– Com todo o prazer, e sem que ninguém me ajude!

– Posso contar-lhe um segredo?

– Depende do senhor, respondeu ela, ansiosamente.

Que brilho havia no seu rosto, que esplendor na sua cabecinha atenta!

– Hoje é o dia em que – como se chama mesmo aquela criança mimada?

– Hoje é o dia em que esposa de João Peerybingle vem visitá-la, e fazer o seu piquenique aqui, não é? Perguntou ele, com forte expressão de desagrado.

– Sim, é hoje.

– Eu sabia! Pois bem, gostaria de participar da festinha.

– Está ouvindo, meu pai? Gritou a ceguinha, extática.

– Sim, sim, estou ouvindo, murmurou Caleb por entre os dentes, com o olhar fixo de um sonâmbulo. Mas não acredito. Deve ser uma das minhas mentiras, sem dúvida.

– Você compreende, eu... eu quero que os Peerybingles entrem um pouco mais em contato com May Fielding, disse Tackleton. Vou casar-me com May.

– Vai casar-se!

– É tão tola esta moça, rosnou Tackleton, que eu tinha certeza de que não me compreenderia. Sim, Berta, vou casar-me! Igreja, sacerdote, ajudante, carruagem, sinos, almoço, bolo de noiva, doces e todas as outras bobagens. É um casamento, compreende? Um casamento. Não sabe o que é um casamento?

– Sei, replicou a ceguinha, com gentileza. Sei!

– Sabe? Estranhou Tackleton. Por essa não esperava eu. Pois bem! É por isso que quero participar da festinha, e trazer May e sua mãe. Mandarei para cá uma perna fria de carneiro e outras guloseimas. Concorda?

– Claro!

E Berta, de cabeça inclinada e mãos entrelaçadas, pôs-se a pensar.

– Não sei se devo confiar em você, disse Tackleton baixinho, olhando para ela. Já parece haver-se esquecido de tudo. Caleb!

– Acho que posso dizer que estou aqui, pensou Caleb. Pronto, senhor Tackleton!

– Cuide de que ela não se esqueça.

– Ela nunca se esquece, retrucou Caleb. É uma das poucas coisas que não sabe fazer.

– Todo pai é coruja, observou o fabricante de brinquedos, encolhendo os ombros. Pobre diabo!

Assim desabafando com enorme desprezo, Gruff e Tackleton retirou-se.

Berta continuou no lugar em que ele a havia deixado, perdida na meditação. Fora-se-lhe do rosto toda a alegria. Por três ou quatro vezes sacudiu a cabeça, como que lamentando uma lembrança ou perda, mas as suas penosas reflexões não se transformaram em palavras.

Só depois de se haver Caleb ocupado por algum tempo em prender uma parrelha de cavalos a uma carruagem pelo processo sumário de pregar os arreios às partes vivas dos animais, foi que ela, aproximando-se, sentou-se perto do pai, e disse-lhe:

– Sinto-me sozinha na escuridão, meu pai. Quero os seus olhos, os seus bons e pacientes olhos.

– Aqui estão, respondeu Caleb, sempre prontos. Mais que meus são seus, Berta, a qualquer hora. Que quer que os seus olhos façam?

– Que examinem bem esta salinha, papai.

– Muito bem. É coisa de um segundo, Berta.

– Fale-me dela.

– Sempre as mesma mais ou menos. Simples, mas cômoda, cores lindas nas paredes, flores primorosas em jarras e vasos, madeira lúcida na vigas e painéis, alegria e limpeza.

Alegre e limpa era realmente, onde quer que andassem as mãos de Berta. Mas em nenhuma outra parte era possível alegria e limpeza no velho abrigo que a imaginação de Caleb transformava daquela forma.

– Esta é a sua roupa de trabalho; portanto, o senhor não está tão elegante como quando usa o casaco bonito, disse Berta, tocando-o.

– É, não estou muito elegante, respondeu Caleb. Em compensação, estou bem atarefado.

– Papai, disse a ceguinha, aproximando-se-lhe mais e passando-lhe o braço pelo pescoço. Fale-me de May. É muito bonita?

– Sem dúvida, minha filha.

May era realmente bonita. E por um momento Caleb não se viu na obrigação de continuar as suas mentiras.

– Tem os cabelos escuros, prosseguiu Berta, pensativamente, mais escuros que os meus, e sei que a sua voz é meiga e musical. Sempre gosto de ouvi-la. As suas formas...

– Não há boneca nesta sala que se lhe compare, disse Caleb. E os seus olhos então!...

Mas calou-se, porque Berta aproximou ainda mais o rosto do pescoço enlaçado, e uma leve pressão do seu braço transmitiu a ele uma advertência perfeitamente compreendida.

Caleb tossiu, bateu com o martelo por um momento, e começou a cantarolar a canção da taça brilhante, seu recurso infalível em todas as dificuldades.

– O nosso amigo, papai, o nosso benfeitor... Nunca me canso de falar nele, não é?

– Claro que não, minha filha, e tem toda a razão.

– Ah, sim, toda a razão! Exclamou a ceguinha, com tal fervor que Caleb, embora fossem os mais puros os seus motivos, não ousou fitá-la, baixando os olhos, como se ela pudesse ler neles toda a sua inocente mentira.

– Fale-me dele, então, papai, pediu Berta, sempre, sempre! Tem rosto benévolo e terno, e de ser honesto e leal. Nos olhos há de transparecer-lhe o coração que tenta cobrir todos os favores com o manto da rudeza e dá má vontade.

– O que o enobrece, acrescentou Caleb, no seu desespero.

– E como! Gritou Berta. E mais velho que May, não é, papai?

– Sim, disse Caleb, com relutância. Um pouco mais velho que May. Mas isso não importa.

– Ah, papai, sim! Ser a sua companheira paciente na enfermidade e na velhice, ser-lhe enfermeira nas doenças, e constante amiga nas dores e penas, não saber o que é cansaço ao trabalhar por ele, vigiá-lo, cuidar dele, sentar-se à sua cabeceira, falar-lhe, se estiver acordado, e orar, se estiver adormecido. Que privilégios! Que oportunidades para provar toda a lealdade e devoção que ele tanto merece. May fará tudo isso?

– Mas que dúvida, minha filha!

– Gosto dela, com toda a minha alma!

Com essas palavras, Berta, encostou o rosto no ombro do pai e chorou, chorou tanto que ele quase se arrependeu de lhe proporcionar tão triste felicidade.

Entretanto, reinava grande balbúrdia na casa do entregador. Tiquinho não concebia, naturalmente, sair sem o bebê. E preparar o bebê era negócio que exigia tempo. Não que fosse lá muito grande o herdeiro, em matéria de peso e tamanho; mas havia muito que fazer, e tudo devia ser feito aos pouquinhos. Por exemplo: quando o bebê, de um jeito ou de outro, chegou a certa altura dos preparativos, e havia quase a certeza de que um dos dois retoques mais bastariam para transformá-lo num assombro de criança a desafiar o mundo, puseram-lhe, inesperadamente, uma touca de flanela e deitaram-no no berço, onde ele ficou a zumbir, por modo de dizer, entre duas colchas durante quase uma hora. Desse estado de inação o tiraram, apesar de todos os seus protestos, para... bem, bem, prefiro dizer, se me permitem falar em termos gerais, uma pequenina refeição, após o que, toca de novo a dormir. Tiquinho valeu-se do intervalo para fazer-se bonita como ninguém; durante a mesma trégua, Tilly meteu-se dentro de uma jaqueta tão surpreendente que não tinha nenhuma relação com ela, nem com outra pessoa qualquer no mundo inteiro, não passando de coisa independente, encolhida, a viver a sua vidinha sem a menor consideração por quem quer que fosse. Por essa altura, estando o bebê bem acordado, Tiquinho e Tilly, unindo esforços, cobriram-lhe o corpinho com uma manta cor de creme, e puseram-lhe na cabeça uma espécie de pastelão escuro. Assim, com o tempo, desceram os três à porta, onde o velho cavalo estivera a escavar o chão impacientemente e donde Boxer podia ser entrevisto à distância, olhando para trás, e desafiando-o a avançar.

Quanto a uma cadeirinha ou coisa da mesma espécie para ajudar Tiquinho a subir ao veículo, bem pouco conhecem João os meus leitores, se julgam tal necessário. Antes que alguém o pudesse ver, já a havia ele levantado do chão, e já se encontrava ela no seu lugar, fresca e rosada, reclamando:

– Mas João, você não vê o que está fazendo? Lembre-se de Tilly!

Se me fosse permitido mencionar as pernas de uma jovem, eu diria das de Tilly que a fatalidade as tornava singulares vítimas de arranhões, e que ela jamais subia ou descia fosse o que fosse, sem gravar o fato com um corte, tal qual Robinson Crusóé marcava os dias no seu pedaço de madeira. Mas, visto que seria tido por pouco gentil, prefiro calar-me.

– João, você lembrou-se do cesto com a vitela, o pastel de presunto, o resto, e as garrafas de cerveja? Perguntou Tiquinho. Se se esqueceu, é bom fazer meia volta, agorinha mesmo!

– Como você é engraçadinha! Replicou João. Fala em fazer meia volta, depois de me ter feito atrasar um quarto de hora!

– Sinto muito, disse Tiquinho, com vivacidade, mas eu não seria capaz de visitar Berta, não seria, João, de jeito nenhum, sem a vitela, o pastel de presunto, o resto, e as garrafas de cerveja. Vamos!

Este último monossílabo foi dirigido ao cavalo, que não se deu por entendido.

– Diga-lhe que precisamos ir, João, por favor! Pediu a senhora Peerybingle.

– Eu o farei, replicou João, quando começar a me esquecer das coisas. Por enquanto, não há necessidade, porque o cesto está aqui.

– Você, João, é um monstro de crueldade, e que monstro! Podia ter dito imediatamente, e me evitava tamanha angústia! Não visitaria Berta sem a vitela, o pastel de presunto, e resto, e as garrafas de cerveja, custasse o que custasse. Desde que nos casamos, uma vez cada quinze dias, regularmente, vamos fazer um piquenique lá. Se acontecesse alguma coisa, tenho certeza de que nunca mais seríamos felizes.

– Foi uma ideia bondosa, não há dúvida, disse João, e a honra cabe a você, minha mulherzinha.

– Meu caro João, replicou Tiquinho, corando fortemente Não me fale em honra, pelo amor de Deus!

– A propósito, observou João, aquele velho...

E, mais uma vez, sentiu-se visivelmente embaraçado.

– É um esquisitão, prosseguiu, cravando os olhos na estrada. Não sei o que imaginar; mas não creio que haja nele perigo.

– Nenhum, absolutamente. Estou... estou certa de que não há.

– Sim, fez João, voltando os olhos para ela, atraído pelo seu tom sério. Fico satisfeito, porque confirma o que penso. Mas não deixa de ser estranho o fato de ele ter pedido licença para ficar em casa, não acha? Há coisas que sucedem sem a gente saber como.

– Se a gente saber como, repetiu ela em voz abaxa, que mal pôde ser ouvida.

– Apesar de tudo, é um velho de boa índole, continuou João; paga como um perfeito cavalheiro, e tenho por mim que podemos confiar na sua palavra. Hoje de manhã, conversei longamente com ele. Disse-me que já me entende melhor que já se habituou à minha voz. Falou muito dele, eu por minha vez, falei muito de mim. Fez-me uma porção de perguntas. Expliquei-lhe que, no meu trabalho, sigo dois itinerários: um dia, saio de casa vou para a direita e volto; outro, vou para a esquerda e volto (sendo estrangeiro, não conhece os nomes dos lugares). Pareceu-me vê-lo satisfeito.

– Muito bem! Nesse caso, de noite, quando eu voltar para casa, hei de encontrá-lo, disse ele, ao passo que eu supunha que o senhor havia de ir na direção oposta, Excelente! Hei de pedir-lhe condução, mas tratarei de não dormir tão profundamente.

– E estava realmente dormindo a sono solto, se estava! Mas Tiquinho, em que ainda pensando?

– Pensando, João? Pois se estou... pois se estou ouvindo o que você me conta!

– Ah, bem, bem! Disse o honesto entregador. Tive medo, quando vi o seu rosto, de que, com a minha mania de falar, houvesse provocado em você outro pensamento, E olhe que quase o fiz.

Tiquinho não respondeu. E assim prosseguiram em silêncio por algum tempo. Mas não era fácil ficar em silêncio no veículo de João Peerybingle; os que passavam pela estrada tinham alguma coisa que dizer, muito embora se tratasse, quase sempre, apenas de um cordial “como vai”, a maioria das vezes nada mais do que isso. Para retribuir a saudação com verdadeira cordialidade não bastava, porém, um aceno e um sorriso; era preciso uma poderosa expulsão de ar dos pulmões, como se estivesse falando em pleno parlamento. Às vezes, os transeuntes ou cavaleiros acompanhavam por instantes João, só para terem oportunidade de uma palestrazinha. De ambos os lados, então, havia muito que falar.

Quanto ao Boxer, provocava mais saudações ao seu dono do que meia dúzia de arautos! Todos os conheciam ao longo da estrada, especialmente as galinhas e os porcos os quais, à sua aproximação, de corpo jogado sobre um dos lados, orelhas levantadas, e restinho de cauda a mover-se insolentemente, se retiravam depressa para os seus abrigos, sem esperarem a honra de um conhecimento mais íntimo. Boxer examinava tudo:

enveredava pelos desvios, perscrutava poços, entrava pelas casas a dentro, arremessava-se contra os grupos de crianças, afugentava os pombos, procurava atracar-se com tudo quanto era gato, e esgueirava-se para o interior das tavernas, como se fosse um dos mais assíduos fregueses. Para onde quer que se dirigisse, era acolhido aos gritos, de “olá, olha aqui o Boxer!” E imediatamente duas ou três pessoas corriam a cumprimentar João Peerybingle e sua linda mulher.

Os pacotes e embrulhos para o veículo eram numerosos; daí a repetição das paradas para os receber ou entregar o que não constituía absolutamente a pior parte da jornada. Alguns aguardavam tão ansiosamente as suas encomendas, outros manifestavam tamanho assombro ao pegá-los, outros ainda recomendavam tão insistentemente as suas, e João tinha tal interesse nos pacotes, que a coisa não deixava de ser bem interessante. Havia também artigos que necessitavam, quanto a sua colocação, de considerações, discussões, verdadeira troca de pareceres entre os despachantes e o entregador, á qual assistia Boxer, prestando atenção por um instantinho apenas, mas preferivelmente rodeado os sabichões e ladrando até não poder mais. Todos aqueles pequeninos incidentes via-os Tiquinho, divertida, de olhos arregalados, figura encantadora, maravilhosamente emoldurada pela cobertura do veículo; não faltavam cotoveladinhas, olhares, murmúrios e invejzinhas entre os jovens, posso garantir, o que fazia as delícias de João, a quem muito agradava ver sua mulher admirada, sabendo que ela não atribuía importância a tais manifestações. Quando muito, ficava um pouquinho satisfeita, só.

Estava-se em janeiro; havia um bom nevoeiro, unidade e frio. Mas quem se importava com tais ninharias? Tiquinho não, decididamente. Nem Tilly, a quem viajar naquele veículo se afigurava, sob todos os aspectos, a maior das alegrias possíveis, o momento culminante das esperanças terrenas. Nem o bebê, garanto, e desafio houvesse outro mais quentinho ou mais profundamente adormecido, apesar da enorme capacidade que todos eles têm para essas coisas, do que o pacífico Peerybingle Júnior.

É claro quase não podia enxergar direito através da neblina; assim mesmo, quanta coisa se via, quanta! É de pasmar quanta coisa se pode ver, até em neblinas mais densas, se a gente se dá o trabalho. Que espetáculo bonito a passagem dos grandes espaços limpos do campo, e dos pedaços de geada suspensos na sombra perto das árvores e das sebes, sem mencionar as inesperadas formas das árvores ao romperem a névoa para logo depois nela

mergulharem novamente. As sebes, entrelaçadas e nuas, agitavam uma multidão de grinaldas emurchecidas; mas não havia desânimo naquilo. Era bem de ver, porque dava mais calor às lareiras e tornava mais atraente o verde verão. O rio parecia bastante frio, mas corria a bom correr, o que era importante. Quanto ao canal, apresentava-se lento, entorpecido, inegavelmente. Mas não fazia mal. Gelaria mais rapidamente, na ocasião oportuna, e então haveria patins, e as pesadas e velhas barcaças, encostadas aos cais, deixariam escapar a fumaça preguiçosamente pelas suas chaminés durante o dia inteiro, imóveis, adormecidas.

Em certo ponto, ardia um monte de ervas daninhas e restolhos. Os viajantes viriam o fogo, tão branco à luz do dia, romper a neblina, com, somente cá e lá, um toque vermelho, até que, em consequência da fumaça que lhe “entrava pelo nariz”, Tilly começou a sufocar – o que sucedia sempre facilmente, à menor provocação – e acordou o bebê que não quis dormir outra vez. Mas Boxer, que ia na frente uns quinhentos metros, já havia ultrapassado os postos avançados da cidade, e dobrado a esquina da rua em que moravam Caleb e sua filha; e muito antes que os Peerybingles chegassem à porta da casa, ele e a ceguinha já os aguardavam na calçada.

A propósito, Boxer, nas suas comunicações com Berta, estabelecia certas distinções que me persuadem de que muito bem sabia ser ela cega. Nunca procurava atrair-lhe a atenção, fitando-a, como costumava fazer com os demais; tocava-a, invariavelmente. Não sei que experiência era a sua em matéria de cegos, pessoas ou cães. Nunca vivera com um patrão privado da vista, e que eu saiba nem o senhor Boxer pai nem a senhora Boxer, nem qualquer dos respeitáveis membros da família, de ambos os lados, fora vítima da cegueira. Talvez tivesse, por si próprio, notado o defeito; o que é certo é que sabia da sua existência. Portanto, ficou segurando a saia de Berta, até que a senhora Peerybingle e o bebê, Tilly e o cesto estivessem dentro de casa.

May Fielding já havia chegado, com sua mãe, mulherzinha impertinente e idosa que, por haver conservado um busto semelhante a um pilar de leito, todos tinham na conta de excelente figura e que, pelo fato de haver noutros tempos, vivido em melhores condições, ou pelo menos, de haver suposto viver em melhores condições, se se tivesse verificado uma coisa que nunca se verificou e que, com toda a certeza, jamais se verificaria – vá lá, dá na mesma – tinha-se na conta de importante. Gruff e Tackleton fingia-se agradável, com a sensação evidente de achar-se à vontade e tão

indiscutivelmente no seu elemento, como um jovem salmão no topo da grande pirâmide.

– May, minha querida amiga! Exclamou Tiquinho, correndo-lhe ao encontro. Que bom tornar a vê-la!

May correspondeu com a mesma alegria. E podem crer-me os leitores, foi um prazer o abraço que trocaram. Tackleton possuía, sem dúvida, muito bom gosto: sua noiva era realmente linda.

Quando estamos habituados a um lindo rosto, é coisa sabida, ao vê-lo lado a lado com outro não menos lindo, parece por um instante tornar-se comum e mal merecer a nossa elevada opinião. Ora, não era esse o caso, nem com Tiquinho, nem com May, pois o rosto desta realçava o daquela, e vice-versa, de maneira tão natural e agradável que, como João quase chegou a dizer, entrando, deviam ter nascido irmãs.

Tackleton trouxera a sua perna de carneiro, e espantoso de dizer trouxera também uma torta... Mas quem é que tem medo de fazer despesas, quando se trata de agradar à noiva? Não nos casamos todos os dias... Além de tais delícias, havia a vitela, o pastel de presunto e o resto, como dizia a senhora Peerybingle, nozes, laranjas, bolos. Quando tudo foi posto sobre a mesa, ao lado da contribuição de Caleb, uma grande travessa de batatas fumegantes (estava proibido, por um tratado solene, de apresentar qualquer outra coisa), Tackleton levou sua futura sogra para o lugar de honra. A fim de dar mais brilho à festinha, a majestosa anciã pusera sobre a cabeça uma touca que se destinava a inspirar aos estouvados profundo sentimento de terror. Usava também luvas... Mas, escolhamos: ou cortesias, ou calados!

Caleb sentou-se perto da filha. Tiquinho e sua velha companheira de escola lado a lado. O bom João foi colocar-se na extremidade da mesa. Tilly ficou isolada, pelo momento, de qualquer peça de mobília, a não ser a cadeira ocupada, para que não batesse a cabeça do bebê.

Tilly contemplava as bonecas e os brinquedos que, por sua vez contemplavam a ela e ao grupo. Os veneráveis anciões `s portas da rua (todos em atividade) demonstravam especial interesse na reunião, parando, uma vez ou outra, antes de saltar, como se estivessem ouvindo a conversação, para logo depois arremeterem de cabeça, furiosamente, vezes sem fim, sem tomar fôlego, como que dominados por um prazer frenético.

Se os veneráveis anciões sentiam uma satânica satisfação em contemplar o embaraço de Tackleton, razões lhe sobravam para tanto. Tackleton não

conseguia ambientar-se, e quanto mais vivacidade demonstrava a noiva em companhia de Tiquinho, tanto menos gostava ele, embora as houvesse feito encontra-se para esse fim. Tackleton era a concretização do indivíduo que embirra com tudo e todos, até consigo próprio. E quando elas se riam, desconfiava imediatamente de que se riam dele.

– Ah, May, disse Tiquinho, que mudanças traz o tempo! Conversar dos alegres dias de escola faz com que a gente fique mais moça.

– Mas a mim parece que a senhora não tem nada de velho! Interveio Tackleton.

– Veja o meu sóbrio e laborioso marido, replicou Tiquinho. Acrescenta aos meus pelo menos uns vinte anos, não é, João?

– Quarenta, corrigiu este.

– Quantos o senhor acrescentará aos de May é coisa que não sei, disse Tiquinho, rindo. O que é certo é que, no seu próximo aniversário, ela contará, pelo menos, mais cem.

Tackleton riu um riso amarelo e olhou para Tiquinho com vontade de lhe torcer o pescoço.

– Ah, continuou Tiquinho, quando me lembro de como conversávamos, na escola, sobre os maridos que iríamos escolher! O meu, por exemplo, devia ser muito moço, simpático, alegre, vivo, sei lá! E quanto ao de May? Nem sei se devo chorar ou rir, quando me lembro da nossa falta de juízo.

May, que tinha certeza do que devia fazer, empalideceu profundamente, e as lágrimas assomaram-lhe aos olhos.

– Chegamos até, às vezes, a apontar as próprias pessoas, moços de carne e osso, vivos, prosseguiu Tiquinho. Não imaginávamos como seriam as coisas na realidade. Eu nunca pensei em João, estou certa, nunca! E se lhe tivesse dito, May, que você se casaria com o senhor Tackleton, não duvido de que teria brigado comigo, não é?

Embora May não dissesse que sim, não, é, que ela não disse.

Tackleton riu, ou melhor, gargalhou. João também riu, na sua habitual maneira reservada e bondosa mais parecida a um simples sussurro comparada à de Tackleton.

– Apesar de tudo, nada puderam as duas fazer, nem souberam oferecer-nos resistência, disse Tackleton. Eis aí! Onde andam os jovens e alegres noivos, hein?

– Alguns morreram, disse Tiquinho, outros foram esquecidos. Alguns, se pudessem estar aqui entre nós, neste instante, não acreditariam que somos as mesmas criaturas que já fomos, não acreditariam nos seus olhos nem nos seus ouvidos, nem que os pudéssemos ter esquecido tão facilmente. Não, não acreditariam!

– Que é isso, Tiquinho? Interveio João. Que é isso, minha mulherzinha?

Tiquinho havia falado com tal impetuosidade que evidentemente precisava de algum tempo para recobrar a calma. A repreensão do marido, suavíssima, visto que ele só interferira, ao que supunha, para proteger o velho Tackleton, logrou efeito, não obstante, pois Tiquinho nada mais disse. Havia no seu silêncio, porém extraordinária agitação que o astuto Tackleton, fitando-a com o seu olho semifechado, notou e gravou para determinado fim, como veremos.

May, sem pronunciar palavra, mantinha-se quieta, de olhos baixos, sem o menor interesse, aparentemente, pelo que se passava. A excelentíssima senhora sua mãe interveio, então, para afirmar que moças são sempre moças, e coisas passadas coisas passadas, e que, enquanto os jovens fossem jovens e desmiolados, com toda a certeza procederiam como jovens desmiolados; fez, em seguida, duas ou três afirmações de caráter não menos são e incontestável. Observou mais, com devoção, que agradecia aos céus ter sempre encontrado em sua filha criatura cumpridora dos seus deveres e obediente, pelo que não exigia elogios, embora tivesse todos os motivos para crer que de fato lhe cabiam. Quanto ao senhor Tackleton, disse que, sob o ponto de vista moral, era um verdadeiro homem e, sob o ponto de vista de escolha, um genro desejável, coisa com a qual todos os que raciocinassem bem haviam de concordar, sem dúvida (extraordinariamente enfática foi esse ponto). Quanto à família em que ele, após certa insistência, ia ser admitido, estava certa de que o senhor Tackleton sabia que, apesar de ser família de reduzidas posses, não deixava de ter as suas pretensões de excelente linhagem e que se certos fatos, não inteiramente desligados, podia afirmá-lo, do comércio do índigo, mas aos quais não se referiria com pormenores, tivessem ocorrido diferentemente, talvez pudesse ter ao seu dispor verdadeira riqueza. Observou que não aludiria ao passado; não diria que sua filha havia, por algum tempo, rejeitado a corte do senhor Tackleton, e não diria muitas outras coisas que acabou dizendo com todos os pormenores. Finalmente, sentenciou, como resultado geral das suas observações e da sua experiência, que nos matrimônios em que menos entra

o que romântica e tolamente se chama amor, reinava sempre maior felicidade, e que previa a maior ventura possível, não a ventura que arrebatava, mas a ventura sólida e duradoura, para o enlace que ia realizar-se. Concluiu informando os presentes de que no dia seguinte soaria a hora para a qual ela havia expressamente vivido, e que, quando essa hora houvesse soado, o seu único desejo era que a depositassem num túmulo sóbrio e distinto.

Visto serem todas aquelas observações irretorquíveis, feliz qualidade das observações cujo propósito é bastante amplo, a conversação tomou outro rumo, e as atenções voltaram-se para a vitela e o presunto, o carneiro frio, as batatas e a torta. A fim de evitar que as garrafas de cerveja fossem desprezadas, João, lembrando o dia seguinte, o do casamento, brindou ao acontecimento, antes de prosseguir na sua jornada de negócios.

Convém saber que João se limitava sempre, naquelas ocasiões, a descansar um pouco apenas, e a dar uma mancheia de capim ao cavalo. Tinha que continuar por mais seis ou oito quilômetros; quando voltava, ao cair da noite, para vir buscar Tiquinho, parava outra vez. Era a rotina, desde que se haviam habituado a visitar Berta e seu pai.

Dois presentes, além da noiva e do noivo, participariam com indiferença do brinde. Um foi Tiquinho, afogueada demais para prestar atenção a uma insignificância de momento, outro Berta que, levantando-se rapidamente, abandonou a mesa.

– Até logo, disse o gigantesco João enfiando o casaco. Estarei de volta à hora de sempre. Até logo a todos.

– Até logo, João, respondeu Caleb, como que por hábito exclusivamente, e

acenando com a mão, sem consciência do que fazia, pois tinha a atenção voltada para Berta, com uma expressão de ansiedade e espanto no rosto.

– Até logo, bichinho! Prosseguiu João alegremente, curvando-se para beijar o filho que, Tilly, ocupada com o garfo e a faca, pusera adormecido (e note-se, sem machucá-lo) na caminha improvisada por Berta. Até logo! Há de vir o dia em que caberá a você enfrentar o frio, meu bichinho, enquanto o seu velho pai ficará a gozar o seu cachimbo e o seu reumatismo ao pé da chaminé! Mas onde está Tiquinho?

– Aqui, João, respondeu ela, sobressaltada.

– Vamos, vamos, continuou João, batendo as mãos. Onde está o cachimbo?

– Esqueci-me completamente dele!

Esquecer-se do cachimbo! Quem jamais ouvira tamanho absurdo? Ela esquecer-se do cachimbo?

– Vou enchê-lo já, já. Não demora.

Mas demorou. O velho cachimbo encontrava-se no seu lugar habitual, a enorme algibeira de João, ao lado da pequenina bolsa de fumo feita por ela própria; mas a mão tremia-lhe tanto que ela se atrapalhou (apesar de ser para a sua mãozinha, tão pequena, extremamente fácil tirá-lo, tenho certeza). Enchê-lo e acendê-lo, pequeninos misteres que eu tanto elogiei, foram coisas mal feitas do começo ao fim. Durante todo aquele tempo, Tackleton fitou-a com o seu olho semifechado. Cada vez que se encontrava com os dela, ou melhor, cada vez que os agarrava, pois mal se pode dizer que encontrasse outros olhos, sendo, como era, mais uma espécie de armadilha que outra coisa, aumentava extraordinariamente a confusão que a dominava.

– Como você está desajeitada, hoje! Censurou-a João, Olhe que eu teria feito muito melhor!

Com essas palavras ditas em tom afável, afastou-se. Pouco depois, ouviu-se na estrada o alegre ruído de Boxer, do velho cavalo e do veículo. Entretanto, Caleb, alheio a tudo, ficara a contemplar sempre com a mesma expressão a sua ceguinha.

– Berta, chamou-a ele, com ternura, que foi que aconteceu? Como está mudada, minha filha, como está mudada, desde hoje de manhã! Nunca a vi tão calada e apática. Que foi que aconteceu? Diga-me!

– Ah, meu pai, meu pai! Gritou a ceguinha, debulhando-se em lágrimas. Que destino cruel o meu!

Caleb passou a mão sobre os olhos.

– Mas lembre-se de como tem sido alegre e feliz, Berta, minha filha! Lembre-se de como tem sido estimada por todos.

– É o que mais me dói, papai! E dizer que ele sempre foi tão cuidadoso, tão bom comigo!

Caleb, perplexo, não compreendeu.

– Ser... ser cega, Berta, minha pobre filha, balbuciou, é uma grande desventura, mas...

– Eu nunca senti a cegueira, nunca a senti em toda a sua extensão, nunca! Tive vontade, às vezes, de ver ao senhor ou a ele, uma vez só, meu pai, um minuto apenas, para saber o que eu guardava aqui no meu coração, para ter a certeza de que o tinha guardado! Outras vezes (em criança), nas minhas orações da noite, chorei ao lembrar-me de que, quando as suas imagens subiam do meu coração ao céu, talvez não fossem verdadeiramente as suas. Mas tais ideias não me duraram muito; foram-se e deixaram-me tranquila e sorridente.

– Hão de ir-se outra vez, Berta.

– Mas papai, meu bom e terno pai, tenha paciência comigo, se estou sendo malvada. Não é essa a tristeza que acabrunha!

Caleb não refreou o pranto. Ela falava com tamanha sinceridade, com tamanha paixão! Mas ele não a compreendia ainda.

– Traga-a ao pé de mim, disse Berta. Não posso continuar a ocultar por mais tempo. Traga-a ao pé de mim, meu pai!

E sentindo que ele hesitava:

– May, traga May para cá!

Esta ouvindo o seu nome, aproximou-se e tocou-lhe o braço. A ceguinha, voltando-se imediatamente, agarrou-lhe ambas as mãos.

– Olhe para o meu rosto, querida, olhe bem para o meu rosto! E leia com os seus lindos olhos a verdade nele escrita.

– Estou lendo, Berta.

A ceguinha imóvel, voltando o rosto branco para cima, e deixando que as lágrimas lhe corressem livremente pelas faces, deu vazão a toda a sua amargura:

– Não há no meu coração desejo ou pensamento que não seja para o seu bem, May! Não há no meu coração lembrança mais forte que a que guardo das muitas vezes em que, em todo o esplendor da sua beleza e da sua vistas, você teve consideração pela ceguinha, ainda quando éramos crianças, ou melhor, quando eu era criança que se pode ser, quando se é cega! Caíam sobre a sua cabeça todas as bênçãos do céu, e que a luz ilumine sempre a sua vida! Não mudei, minha querida – e apertou-a com mais força – não mudei, embora hoje esteja quase despedaçado o meu coração, por saber que você vai ser sua esposa! Meu pai, May, Maria, perdoem-me pelo que se passa comigo, por amor a tudo quanto ele tem feito para aliviar a solidão da minha pobre vida, e por amor à fé que todos têm em mim, ao verem que

chamo como testemunha o céu de que eu não poderia desejar-lhe esposa mais digna de toda a sua enorme bondade!

Enquanto falava, largara as mãos de May e segurara-lhe as vestes numa atitude mista de súplica e de amor. Ao prosseguir na sua estranha confissão, foi caindo, até amontoar-se aos pés da amiga, para ocultar o rosto nas pregas da sua saia.

– Meu Deus! Exclamou Caleb, fulminado pela verdade. Com todo o meu trabalho para a iludir desde o berço, só consegui despedaçar-lhe o coração!

Foi bom para todos que Tiquinho, a radiante, prestativa e energética Tiquinho – o que era, inegavelmente, apesar dos seus defeitozinhos e apesar de que os leitores cheguem, talvez, a odiá-la – foi bom para todos, repito, que ela estivesse lá perto, senão não sei onde terminaria aquela cena. Tiquinho, recuperando o seu domínio, interveio, antes que May respondesse, ou Caleb pudesse pronunciar outras palavras.

– Vamos, Berta, meu bem, venha comigo! Dê-lhe o braço, May. Assim! Está vendo como já se sente mais calma? Disse, beijando-a na testa. Venha comigo, Berta, venha! E o bom Caleb também...

Nesses casos, Tiquinho revelava toda a sua nobreza; e somente uma natureza obstinada poderia resistir á sua influência. Após ter levado para longe pai e filha, a fim de que pudessem consolar-se como, não duvidava, saberiam fazer, voltou apressadamente, fresca como a mais linda das margaridas, costuma-se dizer, mas eu digo mais fresca, para vigiar aquela pessoazinha importante, de touca e luvas, e impedir que descobrisse o que se passava.

– Traga-me o meu tesouro, Tilly, disse, puxando uma cadeira para o fogo, e enquanto fico com ele ao colo, a senhora Fielding me elucidará, em poucas palavras, vinte ou mais pontos em que não procedo como devo, quando se lida com bebês, não é minha senhora?

Nem o próprio gigante galês tão “bobo” que, de acordo com a crença popular, realizou sobre si próprio uma operação fatal, tentando imitar um truque efetuado pelo mais acérrimo dos meus inimigos à hora do almoço, nem esse próprio gigante caiu no laço preparado tão rapidamente quanto a velha senhora no que lhe armou a astuta Tiquinho. O fato de Tackleton ter saído e de duas ou três pessoas haverem estado a conversar a certa distância, por um ou dois minutos, deixando-a sozinha, era o bastante para enrijecê-la em toda a sua dignidade e fazê-la lamentar por vinte e quatro

horas seguidas a misteriosa convulsão do comércio do índigo. Mas aquele respeito à sua experiência da parte de tão jovem mãe foi tão irresistível que, após breve mostra de modéstia, começou a iluminá-la com a melhor graça deste mundo; e sentando-se direito diante de Tiquinho, em meia hora lhe ensinou mais receitas caseiras e deu-lhe mais preceitos do que os que houveram sido necessários (se postos em ação) para aniquilar de uma vez o jovem Peerybingle, ainda que este tivesse sido um verdadeiro Sansão de fraldas.

Depois, Tiquinho entregou-se por alguns momentos ao bordado – trazia o conteúdo de toda uma caixinha de trabalho no bolso. Como, francamente não sei. Deu de mamar, e voltou ao bordado; conversou baixinho com May, enquanto a anciã dormitava. E assim, sempre entregue a pequeninos afazeres, achou que a tarde havia passado bem depressa. Quando escureceu, visto que fazia parte do programa do piquenique cuidar ela de todas as tarefas caseiras de Berta, atçou o fogo, varreu a lareira, pôs a mesa de chá, puxou a cortina e acendeu a vela. Depois, tocou uma ou duas músicas numa rude espécie de harpa feita por Caleb para a sua ceguinha, e tocou-as muito bem; a natureza dotara-a de excelente orelhinhas para a música que excelentes seriam também para brincos, se os possuísse. Soou, enfim, a hora do chá, e Tackleton voltou.

Caleb e Berta tinham reaparecido pouco antes. Caleb pusera-se a trabalhar. Mas não conseguia concentrar-se, coitado! Corroía-o a ansiedade e o remorso. Dava dó vê-lo sentado, sem nada fazer, contemplando tristemente a filha, e sempre com o mesmo pensamento escrito nas feições:

– Com todo o meu trabalho para a iludir desde o berço, só consegui despedaçar-lhe o coração.

Quando a noite se fechou, e Tiquinho já se havia livrado das xícaras e dos pires, lavadinhos e enxutos, numa palavra – porque aí devo chegar, e de nada vale ir adiando – quando se aproximou a hora de esperar o regresso de João, toda ela se transformou. As cores iam-lhe e voltavam-lhe, e ela denotava grande inquietação, não a inquietação das esposas que esperam os maridos, não! Era outra espécie de inquietação a sua!

E eis o ruído de um veículo, o patear de um cavalo, os latidos de um cão, a gradativa aproximação de todos aqueles sons tão conhecidos. Por fim, a pata de Boxer a arranhar a porta.

– De quem é esse passo? Gritou Berta, excitada.

– Que passo? Perguntou João, assomando, com o rosto avermelhado pelo vento cortante da noite. Só pode ser o meu.

– O outro passo, insistiu Berta. O passo do homem que vem atrás.

– É difícil enganá-la, replicou João, rindo. Entre, o senhor será bem recebido, não receie!

Falara em voz bem alta. E o velho surdo entrou.

– Não é inteiramente estranho, pois já o viu outra vez, Caleb, disse João. Pode ficar aqui até que partamos?

– Mas certamente, João, é uma honra.

– É o melhor companheiro deste mundo. A gente pode contar-lhe tudo o que é segredo. Todos sabem que possuo excelente pulmões, mas ele bem que os põe à prova, garanto. Sente-se! Aqui são todos seus amigos, e se alegram por vê-lo!

Após essa afirmação, feita com voz que corroborava amplamente o que acabara de dizer quanto aos seus pulmões, acrescentou no tom habitual:

– Uma cadeira ao lado da chaminé, onde possa ficar quietinho, observando, é tudo o que lhe interessa.

Berta estivera a ouvir com atenção. Chamando seu pai, depois de haver este oferecido uma cadeira ao recém-chegado, pediu-lhe em voz baixa que lhe descrevesse o velho. Quando Caleb obedeceu (e disse a verdade dessa vez, só a verdade) ela, movendo-se pela primeira vez, desde que o estranho havia entrado. Pareceu não lhe dar mais atenção.

João, bom homem que era, estava de excelente humor, e mais do que nunca apaixonado por sua mulherzinha.

– Tontinha esteve ela esta tarde! Disse, enlaçando-a com seu enorme braço; no entanto, gosto dela, e bastante. Veja, Tiquinho!

E indicou o velho. Tiquinho baixou os olhos e, se não me engano, estremeceu.

– Ele – ah, ah, ah! – ele tem muita admiração por você, prosseguiu. Não falou de outra coisa durante todo o percurso. É um bom velho, e eu o aprecio.

– Muito melhor teria sido se vocês houvessem tocado noutro assunto, João, retrucou ela, olhando receosamente pela sala, e sobretudo para Tackleton.

– Noutro assunto? Estranhou João. Não existe outro assunto! Vamos, fora com o sobretudo, com este grosso cachecol, fora com tudo isso, e passemos uma boa meia hora ao pé do fogo! Os meus cumprimentos, minha senhora; vamos jogar uma partida, a senhora e eu? Será ótimo. As cartas e a mesa, Tiquinho. E um copo de cerveja, se sobrou alguma, meu bem!

O desafio fora dirigido à senhora Fielding que o aceitou afavelmente. A princípio, João olhou em volta várias vezes, com um sorriso; de vez em quando, chamava Tiquinho para lhe mostrar as suas cartas e receber um bom conselho. Mas sendo a sua adversária rígida observadora da disciplina e sujeita a certa fraqueza no tocante aos pontos contados em seu favor, João viu-se obrigado a vigiá-la de tal forma que não podia dispensar nem olhos nem ouvidos. Assim, toda a sua atenção foi sendo, aos poucos, absorvida pelas cartas... E ele em nada mais pensou, até o instante em que sentiu sobre o ombro o peso de uma mão, a mão de Tackleton.

– Sinto Ter que incomodá-lo... preciso falar-lhe, e já.

– Mas... é a minha vez de dar cartas, agora! Estamos num ponto crítico.

– Estamos, realmente, disse Tackleton. Venha cá, homem!

Havia no seu rosto pálido algo que fez com que João se levantasse imediatamente e lhe perguntasse, com ansiedade, o que estava sucedendo.

– Calma, João Peerybingle; sinto o que se está passando, sinto realmente. Tive medo disso, porque desde o primeiro instante suspeitei.

– Mas, afinal, o que é? Perguntou João, cujo aspecto impressionava.

– Calma, que eu lhe mostrarei, se vier comigo.

João acompanhou-o, sem outra palavra. Atravessaram um pátio sobre o qual fulgiam as estrelas e, por uma portazinha lateral, entraram no escritório de Tackleton, onde uma janela se abria para o depósito fechado durante a noite. Luz não havia no escritório, mas o longo e estreito depósito estava iluminado. Por conseguinte, a janela brilhava.

– Um momento, João, Acha que tem ânimo para olhar por essa janela?

– Mais um momento. Não pratique violências, que de nada valem e são perigosas. Você é homem excepcionalmente forte e, quando menos se espera, capaz de matar.

João perscrutou-lhe o rosto e recuou um passo, como se tivesse sido atingido por um golpe. No instante seguinte, à janela, viu...

Ah, sombra da lareira, ah, grilo fiel, que mulher pérfida!

Viu-a com o velho, já não mais velho, mas jovem ereto e elegante, segurando com a mão falsa cabeleira banca que lhe permitira entrar no seu desolado e triste lar. Viu-a escutar o que ele dizia, e viu-a permitir que lhe cingisse a cintura, ao caminharem lentamente pela galeria em direção à porta pela qual haviam entrado. Viu-os parar, viu-a voltar-se – para apresentar a ele, seu marido, a face tão amada – e viu-a ajustar, com as suas próprias mãozinhas, a mentira feito cabeleira na cabeça do estranho, rindo-se ao mesmo tempo da ingenuidade do marido que de nada suspeitava!

João apertou fortemente o punho direito, como se pretendesse abater um leão, mas abrindo-o de novo, imediatamente, diante dos olhos de Tackleton (porque, mesmo assim, era grande a sua ternura pela mulher) deixou-se cair, ao saírem, sobre uma escrivaninha, desesperado e fraco como simples criança.

Quando ela entrou na sala, pronta para voltar para casa, João, abotoado até o queixo, andava atarefado com o cavalo e os pacotes.

– Vamos já, meu caro João. Boa-noite, May, boa-noite, Berta!

Teria coragem de beijá-las, teria coragem de manifestar toda aquela alegria, ao despedir-se? Não coraria, ao mostrar-lhes o rosto? Tackleton ficou a observá-la atentamente, e ela teve coragem e não corou.

Tilly, acalentando o bebê, passou e repassou uma dúzia de vezes por Tackleton, repetindo com sono:

– As notícias de que ela seria sua esposa que se lhe partiu o coração; e seu pai a enganou desde o berço. Só para, afinal, lhe despedaçar o coração!

– Ouça, Tilly, dê-me o bebê. Boa-noite, senhor Tackleton. Onde está João, pelo amor de Deus!

– Disse-me que caminharia ao lado do cavalo, respondeu Tackleton, ajudando-a subir.

– Mas João, que é isso? Você vai caminhar e de noite?

João respondeu-lhe afirmativamente com um rápido gesto. E estando o falso estranho e a pajem nos seus lugares, o velho cavalo começou a andar. Boxer, o inconsciente Boxer, correndo à frente, correndo atrás, correndo em volta do veículo, ladrava mais triunfante e alegre do que nunca.

Quando Tackleton também se retirou para acompanhar May e sua mãe, o pobre Caleb sentou-se ao pé do fogo, perto de sua filha, angustiado, roído de remorsos, e pensando sempre:

– Com todo o meu trabalho para a iludir desde o berço, só consegui despedaçar-lhe o coração.

Os brinquedos, que tinham sido postos a funcionar por causa do bebê, havia tempo que estavam parados, sem corda. Dentro daquela tênue luz e daquele silêncio, as bonecas imperturbáveis, os irrequietos cavalos de narina dilatadas e olhos arregalados, os anciãos às portas da rua, de pé, meio encolhidos sobre frágeis joelhos e tornozelos, os quebra-nozes de rosto contorcido, os próprios animais que iam entrar nas arcas, aos pares, como os alunos de um colégio, pareciam boquiabertos, estupefatos pela surpresa de verem que, por uma estranha combinação de circunstâncias, Tiquinho não passava de uma criatura falsa, e Tackleton era amado.

Canto Terceiro

Soaram dez hora, no relógio holandês, quando João se sentou ao pé da lareira, tão angustiado, tão desesperado que o cuco, aparentemente assustado, após emitir o mais rapidamente possível os seus melodiosos sons, mergulhou de novo no palácio mourisco, batendo a porta, como se aquele espetáculo fosse superior às suas forças.

Se o segadorzinho, armado da mais afiada das foices, houvesse, a cada movimento, cortado o coração do pobre entregador, jamais teria conseguido feri-lo, como o ferira Tiquinho.

Era um coração cheio de amor por ela, tão envolvido e entretecido por inúmeros fios de sedutoras lembranças feitos pela influência diária das muitas qualidades de sua mulherzinha, era um coração em que ela se havia entronizado tão gentilmente, tão fortemente, era um coração tão simples e sério na sua verdade, tão forte no seu direito, tão fraco nos seus erros que não sabia acariciar ódios nem vinganças. Só sabia reter a imagem despedaçada do seu ídolo.

Devagar, porém, muito devagar, enquanto cismava em frente da lareira, agora fria e escura, outros pensamentos, mais ferozes, começam a fervilhar no cérebro de João, como o vento furioso sopra dentro da noite. O estranho estava sob o seu teto ultrajado. Três passos o levariam ao seu quarto. Um murro abateria a porta. “Quando menos você espera, é capaz de matar”, dissera-lhe Tackleton. Mas como poderia ser assassino, se desse ao vilão tempo suficiente para o enfrentar! Além disso, o estranho era muito mais moço.

Foi uma ideia medonha, no seu estado de ânimo. Foi uma ideia medonha que o levava a um ato de vingança, que transformaria aquele lar cheio de luz e de alegria num lugar amaldiçoado, onde os viajantes teriam mede de pernoitar, e onde os medrosos veriam sombras em luta através das janelas arruinadas, e ouviriam gritos horríveis, ferozes, em plena tempestade.

Era mais moço! Sim, e soubera conquistar um coração que ele, João, nunca havia tocado. Era alguém eleito havia muito tempo, era alguém em quem ela pensara, com quem sonhara e por quem sofrera, enquanto ele a supunha tão feliz ao seu lado. Que tortura!

Tiquinho subira para deitar o bebê. Depois, descendo, aproximara-se de João, sem que este a notasse – imerso que estava no tormento de sua grande

dor, nada ouvia – e pusera o banquinho aos seus pés. João só deu por ela, quando lhe sentiu a mão sobre a sua, e a viu perscrutar-lhe o rosto.

Com espanto? Não. Foi a sua primeira impressão, e ele viu-se atraído a encará-la outra vez, para tirar a dúvida. Não, não com espanto, mas com um olhar interrogativo e alarmado, imediatamente depois de substituído por um terrível e estranho sorriso de quem lê pensamentos. Depois, duas mãos se entrelaçaram, uma cabeça se inclinou, e lindos cabelos tombaram para a frente.

Mesmo que dispusesse de toda a força da Onipotência, João possuía misericórdia no coração, e houvera sido incapaz de descarregar, de leve que fosse, o seu ressentimento contra Tiquinho. Mas não suportava vê-la agachada no banquinho onde tantas vezes a contemplara com amor e orgulho; e quando ela se ergueu e o deixou, soluçando, sentiu alívio por ter ao seu lado um lugar vazio e não a sua tão querida presença. Mas era tortura maior ainda, por lhe lembrar toda a sua desolação, e por lhe mostrar de que modo fora desfeito o laço que o prendia à vida.

Quando mais sentia aquilo, tanto mais percebia que teria suportado melhor vê-la prematuramente morta com o filhinho entre os braços, tanto mais lhe crescia no peito o ódio contra o inimigo. E procurou uma arma.

Na parede, pendia uma espingarda. Pegando-a, deu um ou dois passos em direção à porta do quarto em que repousava o pérfido estranho. Sabia que a arma estava carregada. A ideia sombria de que ia matar aquele intruso, como se mata uma fera, apoderou-se dele, dominou-lhe o cérebro, e transformou-se num monstruoso demônio a expulsar toda ideia de magnanimidade e a firmar o seu império absoluto.

Mas não foi bem assim. O demônio não expulsou as suas ideias de magnanimidade; transformou-as com habilidade, transformou-as em açoutes que o impeliam, que faziam da água sangue, do amor ódio, da bondade a mais cega ferocidade. A imagem de sua mulher, triste, humilde, a apelar para a sua ternura e misericórdia com força irresistível não o abandonou um instante, mas o empurrava para a porta, punha-lhe a arma ao ombro, coloca-lhe o dedo no gatilho e gritava-lhe: “Mate-o! Mate-o na sua própria cama!”

João voltou a espingarda para bater na porta com a coronha. Já a segurava no ar, e no seu cérebro já aparecia, indistinto, o propósito de avisar

o estranho que fugisse, por Deus, que fugisse pela janela... quando, subitamente, o fogo iluminou toda a lareira, e o grilo começou a cantar!

Nenhum som, nenhuma voz humana, nem mesmo a dela, teria sido capaz de o comover e enternecer daquela maneira. As palavras sinceras com as quais ela lhe contara o seu amor a esse grilinho viveram outra vez; os seus modos sérios e tímidos surgiram diante dele novamente; a sua voz agradável – Que voz a de Tiquinho para alegrar a casa de um homem honesto! – foi penetrando devagar através da verdadeira natureza de João e fê-lo voltar à vida e à ação.

João recuou, como sonâmbulo ao despertar de um sonho horroroso, e pôs de lado a espingarda. Torcendo as mãos, voltou a sentar-se ao pé do fogo, e chorou.

O grilo, transformado em fada, pisou o chão da salinha e pôs-se diante dele.

– Gosto do grilo, disse a fada, repetindo aquilo de que o pobre entregador tão bem se lembrava, porque já o ouvi muitas vezes, e porque desperta em mim inúmeras ideias...

– É verdade, disse João, foi o que ela me afirmou!

– Este lar tem sido deveras feliz, João, e é por isso que gosto do grilo.

– Tem sido sim, e Deus o sabe, retrucou João. Ela o fez feliz, sempre... até agora.

– Tão meiga, tão serviçal, tão risonha, viva e despreocupada! Continuou a voz!

– Se não fosse assim, nunca poderia tê-la amado como a amei, contestou João.

– Como a ama, corrigiu a voz.

– Como a amei, repetiu João.

Mas não havia firmeza no seu tom. A sua língua, vacilante, resistindo ao seu domínio, queria falar como sabia, queria falar por ela própria e por ele.

A fada, com um gesto de súplica, levantou a mão:

– Na sua própria lareira...

– A lareira que ela conspurcou, atalhou João.

– A lareira que ela – quantas vezes! – abençoou e iluminou, disse o grilo, a lareira que, se não fosse Tiquinho, não passaria de amontoado de pedras e tijolos e de ferro carcomidos, mas que tem sido, pelo contrário, o altar desta

casa, sobre o qual você tem sacrificado, todas as noites, uma pequenina paixão, um egoísmo qualquer, uma preocupação, e tem prestado a homenagem de um espírito tranquilo, de uma natureza confiante, de um coração transbordante, de modo que a fumaça sempre subiu com fragrância superior a do mais rico incenso que se queima diante dos mais ricos altares de todos os templos do mundo! Na sua própria lareira, no seu santuário, rodeado pelas suas gentis influências e associações, ouça-a, ouça a mim! Ouça quem quer que fale a língua da sua lareira e do seu lar!

– E suplica por ela? Perguntou João.

– Tudo o que fala a língua da sua lareira e do seu lar deve suplicar por ela! Replicou o grilo. E deve, porque fala a verdade.

Enquanto João, de cabeça apoiada sobre as mãos, continuava a meditar, a visão ia-lhe sugerindo reflexões, e apresentava-lhas como que num espelho ou retrato. Não era uma visão solitária. Da pedra da lareira, da chaminé do relógio, do cachimbo, da chaleira, do berço, do soalho, das paredes, do teto, da escada, da carroça lá fora, do armário lá dentro, dos utensílios, de tudo e de todos os lugares com os quais ela sempre tivera contato, e com os quais sempre apresentara ao cérebro do pobre marido uma lembrança da sua pessoazinha, vinham as fadas, sem cessar, uma após outra, não para se porem ao seu lado, como o grilo, mas para se atarefarem, para honrarem a imagem de Tiquinho, para a puxarem pela saia e mostrar-lhe, quando aparecia, para se amontoarem em torno dela, abraçando-a e juncando de flores o chão que ela pisava, para lhe coroarem a cabeça. Para mostrarem que muito a apreciavam, que a amavam, e que não havia nenhuma criatura feia, má, acusadora que pudesse perturbá-la, pois só a rodeavam elas, alegres e cheias de admiração.

O pensamento de João não se desprendia da imagem de sua mulher.

Lá estava ela manejando a agulha, diante do fogo, cantando baixinho, lá estava alegre e vivaz Tiquinho! As fadas voltaram-se para João, simultaneamente, fitando-o com um olhar poderosamente concentrado, como quem diz:

– É esta a esposa leviana pela qual você chora?

De súbito, prorromperam gritos de satisfação no meio dos sons de instrumentos de música. Um grupo de moços em busca de divertimento entrou, entre eles, May Fielding e muitas outras lindas criaturinhas. Tiquinho, porém, era a mais linda. Vinham convidá-la para um baile. Se

jamais houve pés feitos para a dança eram os seus. Mas ela riu-se, sacudiu a cabeça, apontou para o fogão e a mesa já posta, com um desfio que a tornava mais atraente ainda, e despediu-os, saudando um por um os seus companheiros, com cômica indiferença, bastante para fazer com que tratassem de afogar-se imediatamente, se eram seus admiradores. E é claro que deviam ser, quem mais quem menos. Inevitável. Mas a indiferença não era o seu traço característico, isso não! Pois, justamente naquele instante, em frente de certo carreteiro... Como o acolheu ela!

Novamente as fadas voltaram-se para João, todas de uma vez, parecendo dizer-lhe:

– É esta a esposa que o abandonou?

Mas uma grande sombra caiu sobre o espelho ou visão, como queiram, a sombra do intruso que o tudo cobria e a tudo eclipsava. As fadas, porém, ágeis como abelhinhas laboriosas, tratavam imediatamente de afastá-la. E Tiquinho surgiu outra vez, luminosa e linda, acalentando o bebê no berço, cantando baixinho e reclinando a testa sobre um ombro cujo similar se encontrava no vulto cabisbaixo e triste ao lado do grilo.

A noite – entendo a verdadeira noite, a que não é regulada pelos relógios das fadas – ia passando. De repente, a lua varou as nuvens e brilhou no céu. No espírito de João, talvez houvesse raiado uma luz calma e amiga, talvez ele pudesse refletir com mais domínio sobre o que havia acontecido.

Se bem que a sombra do estranho aparecesse uma vez que outra no espelho, sempre distinta, grande, bem definida, já não era tão impressionante. Quando surgia, as fadas, dando um grito de consternação, moviam pernas e braços com grande atividade, para eliminá-la. Quando conseguiram alcançar Tiquinho novamente e mostrá-la ao marido, em todo o seu esplendor e beleza, rejubilavam-se.

Nunca a mostravam a não ser bela e esplêndida, pois eram espíritos do lar para os quais mentira significava aniquilamento. Sendo assim, Tiquinho aparecia sempre como a criatura ativa, atraente e luminosa que fora luz e sol do lar do entregador.

As boas fadas entusiasmavam-se quando a apresentavam, com o bebê, tagarelando com velha matronas, tentando ser velha e matrona, e apoiando-se grave e timidamente ao braço do marido, como se pretendesse dar a ideia – ela, um botãozinho de mulher! – de haver desistido de todas as vaidades do mundo, e de ser o tipo de pessoa para quem não é novidade nenhuma ser

mãe; mas, ao mesmo tempo, mostravam-na zombando do carreteiro por ser desajeitado, endireitando-lhe o colarinho para o fazer elegante, e correndo alegremente pela sala para ensinar-lhe a dançar.

De repente, fitando-o com persistência, as fadas apresentavam a João a esposa em companhia da ceguinha: embora levasse consigo alegria e animação para onde quer que fosse, quando visitava Caleb e sua filha, levava-as multiplicadas. O amor da ceguinha, a sua confiança, a sua gratidão, e o jeitinho atarefado de Tiquinho para interromper os agradecimentos de Berta, a sua habilidade para passar todos os momentos da visita fazendo alguma coisa útil à casa, trabalhando sem descanso ao mesmo tempo em que fingia estar-se divertindo, a sua oferta de coisas gostosas, a vitela, o pastel de presunto, as garrafas de cerveja, o seu rosto radiante à porta, despedindo-se, a maravilhosa convicção impressa em toda a sua pessoa, desde os pés até a esplêndida cabecinha, de ser parte integrante da casa, parte necessária, indispensável, tudo isso rejubilava as fadas que a amavam. Mais uma vez, todas juntas, fitaram João, com súplica, como quem diz:

– É esta a esposa que traiu a sua confiança?

Naquela noite interminável, uma, duas, três vezes lha mostraram no seu lugar favorito, de cabeça inclinada, mãos entrelaçadas e cabelos caídos. Como ele a vira pouco antes. Mas, nessas ocasiões, sem olharem para João, agrupavam-se em torno dela, consolavam-na, beijavam-na, comprimiam-se para demonstrar-lhe simpatia e ternura, e esqueciam-se completamente dele.

Assim, passou-se a noite. A lua desceu no horizonte, as estrelas empalideceram, o dia frio nasceu, o sol ergueu-se. O carreteiro continuava sentado, a cismar, perto da lareira. Ali, estivera, com a cabeça entre as mãos, a noite inteira. A noite inteira o fiel grilo cantara. A noite inteira, João ficara a ouvi-lo. A noite inteira, as fadas haviam labutado. A noite inteira, no espelho, Tiquinho aparecera linda e imaculada, exceto quando surgia a maldita sombra.

João levantou-se, foi lavar-se e arrumou-se. Não tinha vontade de se entregar às suas ocupações habituais. Faltava-lhe ânimo. Muito menos lhe importava ser o dia do casamento de Tackleton. É verdade que, pensando em comparecer à igreja com Tiquinho, arranjava quem o substituísse no trabalho. Mas nada disso tinha mais importância. Era também o aniversário

do seu casamento. Ah! Nunca havia imaginado um fim daqueles para tal ano!

João espera que Tackleton o visitasse logo de manhã. Não se enganava. Havia pouco que andava de um lado para outro, quando viu o fabricante de brinquedos vir pela estrada, na sua caleça. Com a aproximação desta, notou que Tackleton já estava trajado para a cerimônia, e que mandara ornar a cabeça do cavalo com flores e festões.

Aquele animal parecia-se a um noivo muito mais que Tackleton, cujo olho semifechado trazia expressão mais desagradável do que nunca. Mas João pouco se importou com aquilo; outras coisas, muito mais sérias, o preocupavam.

– João Peerybingle, perguntou Tackleton em tom de lástima, meu bom amigo, como está agora?

– Passei uma noite infame, senhor Tackleton, retrucou o entregador, meneando a cabeça. Andei muito aborrecido. Mas tudo acabou. Posso falar-lhe por meia hora?

– Vim de propósito, disse Tackleton, descendo. Não de preocupe com o cavalo. Há de ficar quieto, se lhe derem um bocado de feno.

João, depois de trazer da cocheira um pouco de feno e dá-lo ao animal, entrou com Tackleton.

– Não cai casar-se antes do meio-dia, suponho?

– Não, respondeu Tackleton. Há bastante tempo, há bastante tempo.

Ao chegarem à cozinha, Tilly estava batendo à porta do estranho, distante apenas alguns passos. Tinha um dos olhos avermelhados (pois estivera chorando toda a noite, visto que a patroa também estivera) no buraco da fechadura, e batia com força, assustada.

– Por favor, não consigo que ele me ouça, disse, voltando-se. Espero que ninguém tenha morrido ou fugido!

E imprimiu mais força ao seu filantrópico desejo, batendo novamente com a ponta do pé. Mas ninguém apareceu.

– Quer que eu experimente? Perguntou Tackleton. Estou achando esquisito.

O entregador, que dera as costas à porta, concordou com um sinal.

Tackleton foi ajudar Tilly. Bateu deu pontapés, mas não obteve resposta. Enfim, lembrou-se de experimentar a maçaneta e, ao ver que ela se movia

sem dificuldade, impeliu a porta, espreitou, olhou, entrou; porém, saiu imediatamente.

– João Peerybingle, disse-lhe ao ouvido, espero que não haja sucedido nada... durante a noite...

João voltou-se rapidamente.

– Porque ele já não está aí! Prosseguiu Tackleton; e a janela acha-se aberta. Não vejo sinais... A janela está quase no mesmo nível que o jardim, mas tive medo de que pudesse ter havido ... hum... uma luta.

Quase fechou inteiramente o lho expressivo, e fitou duramente João, enrijecendo o rosto, como se pretendesse arrancar-lhe a verdade.

– Não se preocupe, acalmou-o João. O estranho entrou, ontem, nesse quarto sem que eu lhe dissesse uma só palavra, ou lhe fizesse um simples gesto de ameaça. Depois disso, ninguém mais ali entrou. Se fugiu, fugiu porque quis. De muito boa vontade iria eu esmolar um pedaço de pão, de porta em porta, pelo resto da vida, se me fosse dado mudar o que se passou, de tal forma que ele jamais tivesse vindo aqui. Mas o certo é que entrou e saiu. E não quero mais pensar nele!

– Hum... acho que esse sujeito pouco sai perdendo, disse Tackleton, sentando-se.

A ironia não foi percebida por João que também se sentou, e cobriu o rosto com a mão, por algum tempo, antes de prosseguir.

– O senhor mostrou-me ontem, disse afinal, minha mulher, a mulher que eu amo, ajudando secretamente...

– E ternamente, insinuou Tackleton.

– Ajudando secretamente aquele intruso, e dando-lhe a oportunidade de encontrar sozinho. Tenho certeza de que teria preferido ver qualquer outra coisa, menos isso, e penso que não há no mundo homem menos indicado para mostrar-me aquela cena do que o senhor.

– Confesso que suspeitei desde o início, interrompeu-o Tackleton; e foi por isso que não fui visto com bons olhos aqui.

– Mas já que me mostrou, continuou João, sem dar-lhe ouvidos, e já que viu minha mulher, a mulher que amo – a sua voz, os seus olhos, as suas mãos, foram-se tornando cada vez mais firmes, evidentemente como resultado de algum propósito feito – já que o senhor a viu numa situação desvantajosa, é certo e justo que também veja, com os meus olhos, e

contemple o meu peito, e saiba qual a minha opinião sobre o que sucedeu, porque tomei uma decisão – fitou-o bem – e nada será capa de mudá-la.

Tackleton murmurou vagas palavras sobre a necessidade de vingar isto ou aquilo, mas amedrontou-se com os modos do carreteiro. Simples e rude como era, havia em João algo de digno e nobre impresso nas feições pela sua alma generosa.

– Sou homem simples e rude, disse João, e pouco tenho que me recomende. Não sou inteligente, como o senhor bem sabe, e não sou jovem. Amei a minha Tiquinho, porque a vi crescer na casa paterna, porque sabia que era uma excelente criatura, porque foi a minha vida, durante muitos, muitos anos. Existem numerosos homens aos quais não me comparo mas que nunca teriam amado a minha Tiquinho como eu a amei!

Deteve-se, bateu levemente no chão com os pés, e prosseguiu:

– Pensei muitas vezes que, embora não fosse digno dela, seria um bom marido, e saberia apreciar todas as suas qualidades. Foi assim que cheguei à conclusão de que havia possibilidade de nos casarmos. Essa possibilidade surgiu finalmente, e nós nos casamos.

– Ah! Fez Tackleton, meneando significativamente a cabeça.

– Eu tinha-me observado, conhecia-me e sabia que a amava, e que seria feliz. Mas agora percebo que por ela é que não tive bastante consideração.

– Ora, ora, disse Tackleton, que me diz da irreflexão, da frivolidade, do prazer de ser admirada? Não tece consideração por ela? Mas se deixou tudo isso de lado!

– Peço-lhe que não me interrompa, disse João, com severidade, até que me compreenda, porque ainda não me compreendeu. Se ontem, pensei em abater aquele maldito com um murro, hoje eu o esmagaria com os pés, mesmo que se tratasse de meu irmão.

Tackleton, atônito, fitou-o. E João, mais calmo, prosseguiu:

– Refleti, por acaso, que a tirava, com a sua idade e beleza, do meio das suas jovens companheiras, do ambiente de que era ornamento, e no qual era a mais brilhante estrelinha, para encerrá-la numa casa sombria, e fazer-me companhia? Refleti quão pouco me adaptava eu à sua vivacidade, e como deve ser aborrecido suportar um homem pesadão e incômodo como eu? Refleti que não havia em mim nem mérito nem direito de amá-la, visto que todos a amavam? Nunca!. Vali-me da sua natureza esperançosa e da sua

excelente disposição, e casei-me com ela. Tomara nunca o tivesse feito! Para o bem de Tiquinho, e não para o meu!

O fabricante de brinquedos continuou a fitá-lo, sem pestanejar. Até o olho sempre semifechado estava escancarado.

– Deus a abençoe pela constância com que tentou ocultar-me a verdade! E que os céus me perdoem, bobo que sou, por não o ter percebido antes. Pobre criança, pobre Tiquinho! E eu que nada compreendi, eu que a vi chorar quando se falou no nosso casamento, eu que lhe vi tremer os lábios cem vezes, e de nada suspeitei, até ontem... Pobre Tiquinho! Como pude esperar que gostasse de mim, como pude crer?

– Mas ela fingiu, disse Tackleton, fingiu tão bem que, para lhe ser franco, foi o que fez nascer em mim a desconfiança.

E jubilou-se pelo fato de May não fingir absolutamente amá-lo.

– Tentou, continuou o pobre entregador, com maior emoção. Só agora é que vejo como tentou ser minha leal e zelosa mulher. Como foi abnegada, como se esforçou, e que excelente coração possui! Diga-o a felicidade que desfrutei debaixo deste teto. Será o meu consolo, quando eu aqui ficar sozinho....

– Aqui sozinho? Perguntou Tackleton. Mas então pretende levar um pouco a sério o caso?

– Quero pagar-lhe toda a sua bondade, quero fazer-lhe as reparações que devo. Vou libertá-la da tristeza de um casamento desigual e da luta para ocultá-la. Terá a liberdade que me é permitido dar-lhe.

– Reparações! Exclamou Tackleton, torcendo com a mão uma das orelha. Deve haver engano, você não pode ter dito isso, João.

João agarrou-o pelo colarinho, e sacudiu-o com força.

– Escute-me, e procure escutar-me bem! Estou falando claramente?

– Demais até.

– Como quem faz o que promete?

– Exatamente, como quem faz o que promete.

– Ontem, sentei-me diante da lareira, no mesmo lugar em que ela sempre se sentou ao meu lado, olhando-me com o seu lindo rostinho. Lembrei-me de toda a sua vida, reví todos os seus passos, e pela minha vida, garanto que é inocente, se há Alguém para julgar inocentes e culpados!

Ah, bom e leal grilo da lareira, fiéis fadas do lar!

– A raiva e a desconfiança foram-se de mim! Só me resta a dor. Num momento infeliz, um antigo namorado, mais de acordo com o seu gosto e os seus anos, abandonado talvez por mil, contra a vontade, voltou. Num momento infeliz, tomada pela surpresa, e precisando de tempo para decidir, participou da traição deste indivíduo, ocultando-o. Ontem de noite, viu-o na entrevista a que assistimos, o que foi um erro. Mas, além disso, é inocente, se há verdade na terra!

– Bem, se é a sua opinião... começou Tackleton.

– Que se vá! Prosseguiu o carreteiro. Que se vá, com a minha benção pelas horas felizes que ao seu lado transcorri, e com o meu perdão pela tristeza que me causou. Que se vá, com a paz de espírito que lhe desejo. Nunca me odiará; há de apreciar-me, até, melhor, quando vir que não sou empecilho, e quando usar um pouco mais livremente os grilhões com os quais a prendi. Hoje é o dia em que a tirei de casa, sem me preocupar se concordava, ou não, e hoje voltará para ela. Quanto a mim, não a importunarei. Seus pais virão hoje – havíamos planejado festejar o aniversário aqui – e levá-la-ão. Confio em Tiquinho. Deixa-me sem culpa, e sem culpa tenho a certeza de que há de viver. Se eu morrer – o que é possível, enquanto ela ainda for moça, porque perdi um pouco o ânimo em algumas horas – verá que a amei até o fim! Eis o resultado do que o senhor me mostrou. E agora, está tudo acabado!

– Não, João, ainda não! Não diga que está tudo acabado! Acabo de ouvir as suas nobres palavras. Não seria capaz de sair, fingindo ignorar a profunda gratidão que sinto. Não diga que está acabado, até que o relógio dê as horas outra vez!

Tiquinho havia entrado pouco depois de Tackleton, sem o dignar sequer de um simples olhar. Fitava insistentemente o marido, mas conservava-se o mais distante possível dele, embora falasse com vivacidade e afeto. Que diferença da Tiquinho de outros tempos!

– Ninguém será capaz de inventar o relógio que volte a dar-me as horas que se foram, replicou o carreteiro, sorrindo tristemente. Mas seja como você quer, meu bem. Pouco importa o que dizemos. Gostaria de poder ser-lhe útil em coisa mais difícil.

– Bem, bem, murmurou Tackleton. Preciso ir-me, pois daqui a pouco estarei a caminho da igreja. Adeus, João Peerybingle, sinto muito não ter o prazer de sua companhia, sinto muito o que aconteceu.

– Falei claramente? Perguntou João, acompanhando-o até a porta.

– Sem dúvida!

– E o senhor se lembrará do que lhe disse?

– Ora, se você me obriga a falar, retrucou Tackleton, tomando antes a precaução de sentar-se na cadeira, devo dizer que foi tudo tão inesperado que não sei como poderei esquecer-me.

– Tanto melhor para nós ambos. Adeus, e seja feliz!

– Gostaria de retribuir o seu desejo, mas como não me é possível, muito obrigado. Entre nós (como já lhe expliquei antes, lembra-se?) não penso que serei menos feliz no matrimônio por May não ter sido excessivamente expansiva e afetuosa. Adeus, e cuide de você!

O carreteiro ficou a olhá-lo até vê-lo sumir-se na distância. Depois, com um profundo suspiro, caminhou, inquieto, entre um grupo de olmos na proximidade, sem querer entrar, antes que o relógio desse as horas.

Tiquinho, sozinha, soluçava sem parar. Às vezes, dominando-se, enxugava os olhos e dizia que ele era muito, muito bom! Uma ou duas vezes riu tão alegre, espontânea, e incoerentemente (pois chorava ao mesmo tempo) que Tilly ficou horrorizada.

– Por favor, não faça isso! Suplicou-lhe. É capaz de matar e enterrar o bebê, por favor!

– Você o trará para ver seu pai, quando eu já não estiver aqui, não é, Tilly perguntou Tiquinho.

– Uau, não faça isso! Gritou Tilly, atirando a cabeça para trás, e prorrompendo num verdadeiro uivo que a fazia parecidíssima a Boxer. Não faça isso, uau! Que foi que toda a gente fez para deixar toda a gente tão triste? U-a-u!

A essa altura, a boa Tilly, após havê-lo contido por longo tempo, começou um berreiro que teria infalivelmente acordado o bebê, levando-o a coisa bastante séria (provavelmente a uma convulsão), se os seus olhos não houvessem caído em Caleb Plummer a guiar a filha. Recobrando, então, o senso da conveniência, calou-se, boquiaberta. Depois, precipitando-se para a caminha em que o bebê dormia, iniciou uma dança estranha, espécie de dança de São Vito, enquanto a cabeça remexia as cobertas. Aparentemente, sentia-se muito aliviada com aquilo.

– Maria, perguntou Berta, não vai ao casamento?

– Eu disse à minha filha que a senhora não iria, murmurou Caleb. Ouvi o que se passou ontem, mas por Deus – e pegou-lhe com ternura as mãos – não me importo com o que falam, e muito menos acredito. Pouco resta de mim, mas esse pouco deverá ser aniquilado antes que eu ouça coisas que a desabonem!

E pondo-lhe o braço em volta do pescoço, abraçou-a ternamente, como fazem as crianças com a boneca preferida.

– Berta não teve coragem de ficar em casa, hoje de manhã, tão perto dos sinos a repicar, tão perto dos noivos no dia do casamento, de modo que saímos logo e viemos para cá. Estive pensando no que fiz, prosseguiu Caleb, após uma pausa, e arrependo-me. Diante da tristeza que causei a minha filha, cheguei à conclusão de que seria muito melhor contar-lhe toda a verdade, se a senhora me ajudar. Quer? Perguntou, tremendo da cabeça aos pés. Não sei que efeito terá sobre ela, não sei o que há de pensar de mim, e nem sei se depois se importará com seu pobre pai. Mas é melhor que seja desenganada. Devo enfrentar as consequências do meu erro.

– Maria, perguntou Berta, onde está a sua mão? Ah! Está aqui, está aqui!

E levou-a aos lábios, com um sorriso. Ouvi o que contaram, ontem, contra você. Não têm razão.

Tiquinho não respondeu. Caleb socorreu-a.

– Não têm razão, afirmou.

– Bem sabia, gritou Berta, orgulhosamente. E foi o que lhes disse. Não quis ouvir nada, nem admito que pretendam censurá-la.

Afagou-lhe a mão e encostou-lhe ao rosto a sua face.

– Não sou tão cega assim!

Caleb pôs-se-lhe a um dos lados, enquanto Tiquinho, no outro, lhe segurava a mão.

– Conheço todos, disse Berta, melhor do que se possa imaginar, mas ninguém como ela. Nem mesmo o senhor, meu pai. Não há em mim imagem mais real. Se adquirisse a vista de um momento para outro, tenho a certeza de que a reconheceria no meio de qualquer multidão. Minha boa irmã!

– Berta querida, disse Caleb, tenho que lhe contar uma coisa, enquanto estamos sozinhos nós três. Ouça-me, vou fazer-lhe uma confissão.

– Confissão, meu pai?

– Afastei-me da verdade e perdi-me, minha filha, prosseguiu Caleb, com dolorosa expressão. Afastei-me da verdade, com a intenção de ser bom para você, e fui cruel.

Berta voltou para ele o rosto pasmado e repetiu:

– Cruel?

– Seu pai se acusa demais, Berta, interveio Tiquinho. Você logo há e ver, e será a primeira a dizê-lo.

– Ele cruel para mim? Gritou Berta, com um sorriso de incredulidade.

– Sem querer, minha filha, continuou Caleb. Mas fui, embora jamais o suspeitasse, a não ser ontem. Minha querida ceguinha, ouça-me e perdoe-me! O mundo em que você vive, meu bem, não é o mundo que sempre lhe pinteí. Os olhos em que você tanto confiou foram falsos.

Berta voltou de novo para ele o rosto alarmado. Mas, logo depois, achegou-se à amiga.

– O seu caminho na vida tem sido difícil, e eu só quis suavizá-lo. Alterei os objetos, alterei o caráter das pessoas, inventei muitas coisas que nunca existiram, para fazê-la feliz. Escondi-lhe muitas outras, enganei-a, Deus que me perdoe, e rodeei-a de fantasmas.

– Mas os ouvidos não são fantasmas! Retrucou Berta, empalidecendo. E o senhor não pode mudá-los.

– Foi o que fiz, disse Caleb. Há uma pessoa que você conhece...

– Ah, meu pai, por que diz que eu conheço? Interrompeu-o ela, em tom de censura. Como posso conhecer alguém ou alguma coisa, pobre de mim, que não tenho quem me guie, que sou cega!

E estendeu as mãos, como se estivesse procurando caminho. Depois cobriu tristemente o rosto.

– O homem que hoje se casa, prosseguiu Caleb, é duro, sórdido e opressor, patrão sem clemência para você e para mim. Feio por fora e por dentro, sempre frio e grosseiro, é totalmente diverso daquele que eu lhe pinteí.

– Por que, gritou a ceguinha, torturada, quase fora de si, por que me fez isso, meu pai? Por que e alegrou o coração e, de repente, como a morte, me arranca o objeto do meu amor? Céus, como sou cega, desvalida e só!

Caleb deixou cair a cabeça e não deu outra resposta senão o seu arrependimento e a sua dor.

Subitamente o grilo da lareira, sem que ninguém o ouvisse, a não ser Berta, começou a cantar não alegremente, mas baixinho, com tristeza. Era tão doloroso o seu canto que as lágrimas começaram a deslizar pelo rosto de Berta. E quando a visão, que estivera ao lado do carreteiro durante toda a noite, apareceu por trás dela, apontando para seu pai, as lágrimas transformaram-se-lhe em corrente.

Ouvindo mais distintamente a voz do grilo, percebeu, apesar da sua cegueira, que a visão se aproximava de seu pai.

– Maria, pediu, diga-me como é a minha casa, diga-me como é verdadeiramente.

– Bem pobre, Berta, bem pobre, esquelética. Não sei se resistirá a outras chuvas e a outro inverno. Está tão mal protegida do tempo, como seu pobre pai com o seu abrigo feito de sacos velhos.

Agitada, Berta levantou-se e afastou-se um pouco com Tiquinho.

– Os presentes de que tanto cuido, que recebo mal mostro o desejo de os possuir, que tanto quero, disse a tremer, de onde vêm? É você que os manda?

– Não.

– Quem é, então?

Tiquinho, notando que ela já adivinhara, não respondeu. A ceguinha cobriu o rosto com as mãos, mas dessa vez de modo muito diferente.

– Maria, um momento, venha mais para cá e fale-me baixinho. Sei que não me mente, sei que não me engana, e muito menos agora.

– Nunca lhe menti e nunca lhe mentiria, Berta.

– Sei, Maria, porque tem muita pena de mim. Maria, olhe bem, olhe bem para onde está meu pai que tanto se compadece de mim e tanto me ama, e diga-me o que vê.

– Vejo, respondeu Tiquinho que a compreendeu, um velho sentado numa cadeira, abatido, de rosto apoiado sobre a mão, como que esperando que a filha o vá confortar.

– Irei já. Continue.

– É um velho extenuado pelas preocupações e pelo trabalho, é um homem humilhado, magro e triste. Vejo-o desesperado, aniquilado. Mas já o vi antes, Berta, lutando duramente por um fim sagrado, respeito os seus cabelos brancos e o abençoo.

A ceguinha, afastando-se de Tiquinho, atirou-se aos pés de seu pai cuja cabeça encostou ao seio.

– Deram-me a vista, deram-me a vista! Gritou. Fui cega, mas agora os meus olhos veem. Nunca o conheci, meu pai! E poderia ter morrido sem nunca ter visto o pai que tanto me quer!

Como descrever a emoção do pobre Caleb?

– Neste mundo, exclamou Berta, continuando a abraçá-lo, não existe homem que eu possa amar tão devotadamente como senhor! Quanto mais extenuado e branco, tanto mais querido, meu pai! Não deixe que digam que sou cega. Não existe sulco no seu rosto, nem cabelo que eu possa esquecer nas minhas orações ao céu!

– Berta, Berta! Conseguiu Caleb.

– E na minha cegueira, prosseguiu a moça, acariciando-o com lágrimas de sublime afeto, imaginei-o tão diferente! E tendo-o ao meu lado, dia após dia, tão cuidadoso, nunca percebi a verdade!

– Foi-se o pai elegante, de casaco azul, Berta!

– Nada se foi, nada, meu excelente pai! Tudo está aqui... no senhor. O pai que tanto amei, o pai que nunca amei bastante, e que nunca conheci, o benfeitor que comecei a venerar e amar, porque gostava de mim, tudo está aqui no senhor. Nada morreu para mim. A alma de tudo o que me era mais querido está aqui... aqui, de rosto extenuado e de cabeça branca. E eu já não sou cega, meu pai!

Toda a atenção de Tiquinho havia estado concentrada no pai e na filha. De repente, porém, olhando para o segadorzinho do prado mourisco, viu que o relógio dali a poucos instantes daria as horas. E imediatamente ficou nervosa e inquieta.

– Meu pai, perguntou Berta, hesitando, onde está Maria?

– Aqui, minha filha.

– Não há mudanças nela, não é? O senhor só me contou a respeito de Maria a verdade?

– Receio que talvez houvesse mentido se pudesse tê-la feito melhor do que é. Se a mudei, foi para pior, garanto. Nada poderia melhorá-la, creia-me.

Embora tivesse certeza, quando fez a pergunta, a alegria de Berta, ao ouvir aquela resposta e o abraço dado a Tiquinho valiam a pena ser vistos.

– Talvez ocorram mais mudanças do que você imagina, disse Tiquinho. Mudanças para melhor, quero dizer, mudanças que trarão enorme júbilo a todos nós. Se sucederem, não se impressionará muito, não é, Berta? Mas o que estou ouvindo serão rodas na estrada? Você que tem excelente ouvidos, diga-me, serão rodas?

– São rodas, sim, e andam bem depressa.

– Eu... eu sei que você tem excelentes ouvidos, continuou Tiquinho, levando a mão ao seio, e falando evidentemente depressa para esconder a sua inquietação, porque já o notei, e porque, ontem de noite, estranhou aqueles passos, embora eu não saiba porque perguntou, e muito bem me lembro, “De quem é esse passo?” e porque tamanha importância lhes deu. Mas, como acabei de dizer, no mundo acontecem grandes mudanças, e a nós nos resta preparar-nos para que as surpresas não nos transtornem.

Caleb pôs-se a imaginar o que significavam aquelas palavras, percebendo que Tiquinho falava a ele tanto quanto à filha. Viu-a, com espanto, tão inquieta que mal conseguia respirar, e segurando-se a uma cadeira para não cair.

– São rodas, sim, afirmou Tiquinho, respirando com dificuldade. E aproximando-se cada vez mais, cada vez mais! Estão parando diante da porta do jardim, e, agora, ouve-se um passo... o mesmo passo, não é, Berta?

Com um grito de alegria correu para Caleb, tapou-lhe os olhos com as mãos, enquanto um moço entrava na salinha e, atirando o chapéu para o ar, se precipitava para eles.

– Já acabou? Perguntou-lhe Tiquinho.

– Sim!

– Tudo bem?

– Tudo!

– Reconhece essa voz, Caleb? Não se lembra de tê-la ouvido antes? Perguntou Tiquinho.

– Se o meu rapagão da América estivesse vivo... respondeu Caleb, trêmulo.

– Pois está! Gritou Tiquinho, deixando cair as mãos, e batendo-as, com júbilo. Olhe, veja-o são e forte, veja seu filho! Berta, aqui está seu querido irmão!

Viva aquela pequenina criatura! Vivam as suas lágrimas e o seu riso ao ver reunidos num só abraço pai, filho e filha! Viva a cordialidade com a

qual acolheu o marinheiro queimado do sol, de cabelos escuros, sem desviar a boquinha rosada, e permitindo que ele a beijasse, e a estreitasse ao coração!

E viva o cuco também – por que não? – por arremessar-se para fora da portinha do palácio mourisco e cantar dizer vezes, como se estivesse ébrio de satisfação?

João, que acabava de entrar naquele instante, recuou.

– Olhe, João, disse Caleb, exultante, olhe aqui! É meu filho da América, meu filho, o rapaz a quem você deu tudo para que pudesse partir, e do qual sempre foi tão amigo!

João avançou para apertar-lhe a mão. Mas, notando naquelas feições algo que lhe lembrava o velho surdo, parou e disse:

– Então era você, Eduardo?

– Conte-lhe tudo, pediu Tiquinho, conte-lhe tudo, Eduardo, e não me poupe, porque nada me fará poupar a mim própria diante dos seus olhos...

– Eu mesmo, respondeu Eduardo.

– E teve coragem de entrar, disfarçado, na casa do seu velho amigo? Perguntou novamente o carreteiro. O rapaz leal e franco dos velhos tempos – quantos anos faz Caleb, que soubemos da sua morte, para nós certa? – nunca teria procedido assim.

– Mas também nos velhos tempos, o meu amigo, mais pai do que amigo, disse Eduardo, nunca teria julgado a mim, ou a qualquer outro homem, sem antes ouvi-lo. Era você. E tenho a certeza de que me ouvirá.

O carreteiro, perturbado, olhou para Tiquinho e replicou:

– Pois bem, é justo. Ouvirei.

– Deve saber que quando parti, meninote ainda, estava apaixonado e era correspondido. Ela não passava de menina-moça e talvez (dirá você) não sabia exatamente o que queria. Mas eu sabia, e a amava.

– Você a amava! Exclamou João. Você!

– Sim, eu, replicou o outro. E ela me correspondia. Sempre julguei que me correspondesse, e agora tenho certeza.

– Valha-me Deus, disse João, é pior ainda!

– Fiel a ela, prosseguiu Eduardo, e voltando, cheio de esperança, após muitas privações e perigos, para cumprir a minha palavra, soube, a trinta quilômetros daqui que ela me fora falsa, que havia me esquecido e que se

havia entregado a outro homem, mais rico do que eu. Não tive intenção de censurá-la; quis apenas revê-la para eliminar todas as dúvidas. Esperava que tivesse sido forçada a tal passo, contra o seu próprio desejo. Seria um pequeno consolo, mas seria consolo, pensei, e vim para ver a verdade, a verdade verdadeira, observando e julgando por mim, sem empecilhos de um lado, e sem a minha influência (se é que eu tinha alguma) sobre ela. Vesti-me de outra maneira, você sabe como, e esperei na estrada, você sabe onde. Ninguém suspeitou de mim, nem você, nem... ela – e indicou Tiquinho – até o instante em que, ao pé da lareira, lhe falei ao ouvido, e ela quase me traiu.

– Mas quando ela soube que Eduardo estava vivo e voltara – soluçou Tiquinho que estivera a arder de impaciência por falar – e quando soube do seu propósito, pediu-lhe que guardasse o segredo, porque seu velho amigo João Peerybingle era dado demais por natureza, não sabia disfarçar – enfim, era um desajeitado, disse Tiquinho, chorando e rindo ao mesmo tempo – e não saberia mantê-lo. Quando ela – eu, João – lhe contou tudo, que a sua namorada o havia suposto morto, e acabara cedendo à pressão materna e concordando com um casamento que a boa e tola senhora supunha vantajoso, quando ela – eu, outra vez, João – lhe explicou que não estavam casados ainda (embora a um passo do casamento) e que seria um sacrifício, pois não havia amor na futura esposa, e quando ele quase enlouqueceu de alegria àquela notícia, então ela – eu, João – lhe prometeu que seria intermediária entre eles, como tantas vezes o fora noutros tempos, e procuraria certificar-se de que o que ela – eu, João – dizia era certo. E era. Casaram-se há uma hora, aqui está a noiva, Gruff e Tackleton pode morrer solteiro, e eu sou uma mulher feliz, May, que Deus a abençoe!

Será preciso repetir que Tiquinho era irresistível? Nunca o fora tão irresistível como naquele instante. Nunca se viram congratulações tão amáveis e sublimes como as que ela tão generosamente apresentou à noiva e a si própria. Emocionadíssimo, o bom e honesto carreteiro, permaneceu imóvel, confuso. De repente, precipitou-se para Tiquinho; mas ela com um gesto o deteve. E ele recuou.

– Não, João, não! Ouça tudo! Não me queira outra vez, antes de ouvir tudo quanto lhe devo contar. Errei, escondendo um segredo a você, e estou triste. Não pensei que houvesse mal, até a hora em que fui sentar-me perto de você, ontem de noite. Mas quando percebi, pelo que estava escrito no seu rosto, que você havia me visto caminhando com Eduardo na galeria, e li

o seu pensamento, compreendi o enorme erro cometido. Mas, João, meu bem, como pôde... como pôde pensar numa coisa dessas?

Como soluçava, coitadinha! João quis abraçá-la, mas ela opôs-se.

– Não me queira outra vez, por favor, pelo menos por algum tempo! Se me entristeci com a notícia do casamento, foi porque me lembrei de May e Eduardo, tão moços, e porque sabia que o coração de May vivia muito longe de Tackleton. Acredita em mim, João?

Este, ao ouvir aquele apelo, tentou novamente abraçá-la. Mas Tiquinho não permitiu.

– Não, fique aí, João! Quando eu caçoo de você, quando o chamo de desajeitadão e de bobinho, é porque o amo muito, muito, é porque sinto prazer em vê-lo como é, e não o que queria por nada transformado em rei.

– Viva! Gritou Caleb. Sou da mesma opinião!

– E quando falo de gente de meia-idade, o que aliás faço constantemente, e pretendo que somos um par monótono, a arrastar uma vida enfadonha, é porque não passo de uma tolinha que gosta, às vezes, de brincar, como brincam as crianças.

Tiquinho, notando que ele mal se continha, conseguiu detê-lo mais uma vez, embora com dificuldade.

– Não me queira, por mais um ou dois minutos, por favor. Guardei para o fim o que mais me interessa dizer-lhe. Meu caro e generoso João, quando estávamos falando a outra noite sobre o grilinho, estive a ponto de contar que, a princípio, não o amei como agora, que quando aqui vim pela primeira vez, tive medo de que não pudesse amá-lo como queria, e que orei para isso... Eu era tão criança, João! Mas conforme os dias iam passando, o meu amor por você ia crescendo. E se pudesse amá-lo mais ainda, a tanto me teriam levado as suas nobres palavras desta manhã. Mas não posso. Todo o afeto que eu tinha (e era muito) dei-lho, como você merece, há muito tempo, e nada mais me resta. E agora, meu querido companheiro, aperte-me outra vez contra o seu coração. Esta é a minha casa, João, e não pense nunca, nunca em mandar-me para outra!

Que prazer ver Tiquinho entre os braços de João! Foi a cena mais perfeita, forte e tocante a que jamais assisti.

O carreteiro estava fora de si, Tiquinho também. Todos, aliás, inclusive Tilly que chorou de emoção, e, querendo que o bebê participasse da troca de

abraços e congratulações, o oferecia a todos sucessivamente, como se se tratasse de alguma bebida.

De repente, ouviu-se de novo o ruído de rodas lá fora, e alguém exclamou que Gruff e Tackleton não tardaria em entrar. Realmente, pouco depois, surgiu o digno cavaleiro, todo agitado.

– Mas então, que diabo é isto, João? Estranhou ela. Deve haver algum engano aqui. Disse a senhora Tackleton que me aguardasse na igreja, e sou capaz de jurar que a vi passar pela estrada rumo a esta casa. Oh! E está aqui, realmente! Desculpe-me, senhor, não tenho o prazer de conhecê-lo, mas se quiser fazer o favor de ceder-me esta jovem, garanto-lhe que ela tem para hoje um compromisso todo particular.

– Não posso cedê-la, replicou Eduardo, nem penso em fazê-lo.

– Que quer dizer, seu vagabundo? Perguntou Tackleton.

– Quero dizer, desculpando o seu vexame, respondeu Eduardo, com um sorriso, que sou tão surdo hoje para palavras rudes como fui ontem.

Que olhar o de Tackleton e que recuo!

– Sinto muito, continuou Eduardo, mostrando a mão de May e especialmente o anular, sinto muito não poder esta jovem acompanhá-lo à igreja, porque já ali estive hoje de manhã. Creio que o senhor a desculpará.

Tackleton fitou os olhos no dedo, e retirando do bolso do colete um pacotinho de papel prateado contendo sem dúvida um anel:

– Tilly, disse, quer ter a bondade de atirá-lo ao lixo? Muito obrigado.

– Foi um compromisso anterior, um velho compromisso, garanto-lhe, que impediu que minha mulher comparecesse, ao seu lado, à igreja, disse Eduardo.

– O senhor Tackleton há de fazer-me a justiça de reconhecer que lhe revelei tudo fielmente, e que lhe disse muitas vezes que nunca poderia esquecer-me, interveio May, corando.

– Oh, certamente! Respondeu Tackleton. Certamente! Está tudo muito bem, tudo muito certo. Devo deduzir, pois, que estou falando com a senhora Eduardo Plummer?

– Exatamente, replicou o noivo.

– Ah, não teria sido capaz de o reconhecer, prosseguiu Tackleton, perscrutando-lhe demoradamente as feições, e curvando-se um pouco. Dou-lhe os meus parabéns!

– Muito obrigado.

– Minha senhora, disse Tackleton, voltando-se para Tiquinho, sinto muito o que sucedeu. Não me prestou um bom serviço, mas, palavra de honra, garanto-lhe que sinto muito. É muito melhor do que eu pensava. João Peerybingle, desculpe-me. Acho que todos me compreendem, e basta. Está tudo muito bem, senhores e senhoras, tudo muito bem. Bom-dia!

Com essas palavras, afastou-se, só parando à porta, para retirar as flores e os festões da cabeça do cavalo, e dar-lhe uma cotovelada nas costelas, como a informá-lo de que, nos seus planos, alguma coisa não havia funcionado direito.

É claro que convinha fazer daquele um dia que marcasse época no calendário de festas dos Peerybingles. Por conseguinte, tratou Tiquinho de pôr mãos à obra para produzir coisa que honrasse para sempre a casa de todos. Em poucos instantes, tinha os braços imersos na farinha até os cotovelos e com eles sujava o casaco de João, cada vez que este passava perto, pois o parava para beijá-lo. O bom homem limpava verduras, descascava nabos, quebrava pratos, virava panelas de ferro cheias de água sobre o fogão, e fazia-se útil em mil e uma maneiras, enquanto uma dupla de ajudantes profissionais, apressadamente chamados da vizinhança, como se se tratasse de uma questão de vida ou de morte, corriam um contra o outro em todas as portas e em todos os cantos. Além disso, todos tropeçavam em Tilly e no bebê em tudo quanto era lugar. Tilly nunca havia demonstrado o seu dom: a sua ubiquidade era o tema da admiração geral. Às duas e vinte e cinco minutos, impedia a passagem no corredor: às duas e meia, na cozinha, constituía uma verdadeira armadilha, e às duas e trinta e cinco minutos um perigo nas águas-furtadas. A cabecinha do bebê, como sempre, era a pedra de toque de tudo quanto era matéria, animal, vegetal, ou mineral. Naquele dia, não houve coisa que, uma vez ou outra, não entrasse em contato com ela.

Uma grande expedição a pé partiu em busca da senhora Fielding, uma expedição de penitentes encarregados de trazê-la, pela força se necessário, para vê-la feliz e suplicar-lhe perdão. Quando a expedição a descobriu, ela nada quis ouvir, mas repetiu, ilimitado número de vezes, que nunca deveria ter vivido para ver um dia como aquele! Da boca nada mais lhe saía senão a expressão “Agora, podem levar-me para o túmulo”, coisa absurda, por não estar nem morta, nem moribunda. Após algum tempo, caiu num estado de espantosa calma, e observou que, quando acontecera aquela desgraça do

comércio de índigo, previra que seria exposta, durante toda a vida, a toda espécie de insulto e contumélia, que estava alegre por ver que esse era o caso realmente, e que se não importassem com ela... pois que era ela? Nada. Que a esquecessem, e continuassem a viver em paz. Desse amargo sarcasmo passou para a cólera e desabafou, afirmando que os vermes, quando pisados, às vezes se revoltam. Depois disso, entregou-se à lamúria e disse que, se a tivessem consultado, teria apresentado ótimas sugestões. Valendo-se dessa crise, a expedição abraçou-a, e em breve ela vestiu as luvas, e partiu para a casa de João Peerybingle com impecável dignidade, levando um embrulho que continha um chapéu para a ocasião, quase tão grande e rígido como a mitra.

Noutra caleça, deviam comparecer pai e mãe de Tiquinho. O seu atraso, porém, provocou preocupações. De vez em quando, alguém olhava para a estrada, a ver se vinham. E a senhora Fielding olhava infalivelmente na direção errada, impossível; informada do seu erro, retrucou dizendo que tinha a liberdade de olhar para onde bem entendesse. Finalmente, chegaram: um casal pequenino, gorducho, caminhando com passinhos curtos e graciosos, próprios da família. Tiquinho e sua mãe, lado a lado, eram lindas de ver, de tão parecidas.

A mãe de Tiquinho viu-se obrigada a travar novamente conhecimento com a de May; a mãe de May não se apoiava noutra coisa que não fosse a sua dignidade, e a de Tiquinho noutra que não fossem os seus pequeninos e ativos pés. O velho Tiquinho, chamemos assim ao pai, pois me esqueço do seu verdadeiro nome, o que aliás pouco importa, tomou liberdades, apertou mãos à primeira vista, e deu a impressão de pensar que o chapéu não passava de musselina e goma: não concordou com a história do comércio índigo, mas limitou-se a dizer que já não havia remédio. Na opinião da senhora Fielding, era homem de boa índole, mas, santo Deus, que rudeza a sua!

Jamais me esquecerei de Tiquinho, fazendo as honras da casa, no seu vestido de casamento, jamais me esquecerei, por dinheiro nenhum! E abenço-o-lhe o rosto iluminado. Nem tampouco me esquecerei do bom carreteiro, tão jovial e tão vermelho, na extremidade da mesa, nem do marinheiro amorenado e de sua linda esposa. De nenhum deles, enfim. Perder aquele jantar teria sido perder as melhores iguarias do mundo, e perder as taças transbordantes com que se brindava às núpcias evidentemente a maior das perdas.

Após o jantar, Caleb entoou a canção da taça brilhante, e tão verdade como estou vivo, e espero está-lo por mais um ou dois anos, contou-a do princípio ao fim.

Mas a propósito, um incidente inesperado se verificou, quando ele terminou o último verso.

Alguém bateu à porta e entrou timidamente, sem pedir licença, trazendo sobre a cabeça uma coisa pesada. Pondo-a no meio da mesa, entre as nozes e as maçãs, disse:

– Com os cumprimentos do senhor Tackleton. Como não sabe o que fazer com esse bolo, espera que os senhores queiram saboreá-lo.

E retirou-se.

Surpresa geral entre os convidados, como é fácil de imaginar. A senhora Fielding, possuidora que era de infinito discernimento, sugeriu que o bolo talvez estivesse envenenado, e contou a história de vários transformados em fonte de amargura para jovens inexperientes. Mas as aclamações lhe abafaram a voz, e o bolo foi cortado por May, com muita pompa e júbilo.

Creio que ainda ninguém o havia experimentado, quando de novo, batendo à porta entrou o mesmo indivíduo sobraçando um grande embrulho de papel marrom.

– Com os cumprimentos do senhor Tackleton, alguns brinquedos para o bebê. Não são feios.

E, mais uma vez, retirou-se.

Todos teriam encontrado grande dificuldade em exprimir o seu assombro, mesmo que tivessem podido dispor do tempo necessário. Mas não puderam, pois, mal havia o mensageiro fechado a porta, ao sair, quando, em seguida a novas pancadinhas, surgiu Tackleton em pessoa.

– Minha senhora, disse ele, dirigindo-se a Tiquinho, estou arrependido, muito mais arrependido que hoje de manhã. João, sou azedo por disposição, mas não posso deixar de sofrer a influência que se sofre, quando se entra em contato com um homem como você. Caleb, esta enfermeirinha inconsciente deu-me ontem uma sugestão incompleta cujo fio acabo de achar. Envergonho-me ao pensar com que facilidade poderia ter ligado você e sua filha a

mim, e que estúpido fui em pensar que ela o fosse! Meus amigos, sinto-me muito sozinho em casa. Nem sequer possuo um grilo na lareira, porque a todos eles afugento ou mato. Sejam bondosos comigo, e deixem-me participar desta linda e feliz comemoração!

Em cinco minutos, ficou à vontade. Nunca se viu homem igual. Que *estivera* a fazer durante toda a vida, para não conhecer a sua grande capacidade de ser jovial? Ou que haviam feito as fadas com ele, para transformá-lo daquela maneira?

– João, você não me mandará para casa de meus pais, não é? Murmurou Tiquinho.

E, no entanto, bem próximo de o fazer andara o marido!

Só faltava uma criatura para completar o grupo. Num abrir e fechar de olhos, apareceu ele, com muita sede de tanto correr, e a tentar desesperadamente enfiar a cabeça pelo gargalo do jarro. Havia ido com o veículo até o fim da jornada, muito aborrecido com a ausência do patrão, e estupendamente rebelde contra o substituto. Após demorar-se na cocheira por algum tempo, tentando em vão incitar o velho cavalo ao ato revoltoso de voltar por conta própria, entrara na cervejaria e estendera-se diante do fogo. De repente, porém, cedendo à convicção de que o substituto não passava de um sujeito cacete que devia quanto antes ser abandonado, levantara-se, erguera-se o restinho de cauda e voltara para casa.

De noite, houve dança. Com isso, devia eu dar por encerrado o caso, se não tivesse as minhas boas razões para crer que se tratou de um baile original, dos mais incomuns realmente, e formado de modo bem estranho, assim:

Eduardo, o marinheiro – rapaz excelente e impetuoso – estivera a narrar maravilhas sobre papagaios, minas, mexicanos e pó de ouro, quando lhe deu na veneta levantar-se e propor que se dançasse. Lá estava a harpa de Berta, que ela sabia tocar como raros sabem.

Tiquinho (toda cheia de dengos, quando queria) disse logo que já não tinha idade para isso, penso eu que por ver o marido fumar cachimbo, e preferir sentar-se-lhe ao lado. A senhora Fielding, naturalmente por não ter outra escolha, desculpou-se. Aliás, todos disseram a mesma coisa, com exceção de May. May concordou.

May e Eduardo levantaram-se, pois, no meio de grandes aplausos, e Berta começou a tocar uma música bem viva.

Pois bem! Se quiserem acreditar no que digo, não haviam estado a rodopiar cinco minutos, quando repentinamente o carreteiro atirou para um lado o cachimbo, enlaçou Tiquinho e começou a dançar. Tackleton, mal viu aquilo, encaminhou-se para a senhora Fielding, enlaçou-a também, e imitou o exemplo dos outros. O velho Tiquinho ergueu-se, todo afobado, arrastou a esposa para o meio da sala, e pôs-se logo em evidência. Caleb agarrou Tilly por ambas as mãos, e tratou de não ficar atrás, Tilly firme na crença de que meter-se entre os outros e abalroá-los a todo instante era o princípio fundamental da arte de dançar. Ouçam! Ouçam como o grilo acompanha a música com o seu cricri, cricri! Ouçam como ronca a chaleira!

□ □

Mas que é isso? Enquanto estou a escutá-los, alegremente, e me volto para Tiquinho, a fim de ver mais uma vez essa figurinha que tanto me agrada, ela e os outros se desvanecem no ar, e eu fico sozinho. Um grilo canta na lareira, um brinquedo quebrado jaz no chão... Nada mais, nada mais me resta!

□ □

Biografia

Charles John Huffam Dickens nasce em 7 de fevereiro de 1812 em Portsmouth, Hampshire, Inglaterra. Pouco tempo depois, sua família muda-se para Chatham, onde Dickens passa os anos que considera os mais felizes de sua infância. Em 1822, mudam-se para Londres.

A família de Dickens é considerada de classe média, mas seu pai envolve-se em dívidas e é preso em 1824.

Como filho mais velho, Dickens deixa a escola, que mal iniciara, indo trabalhar em uma fábrica de graxa de sapato. Essa desagradável experiência lhe deixa uma sensação de humilhação e abandono que o acompanhará por toda a vida.

Algum tempo depois, seu pai recebe uma herança, livra-se da prisão, e Dickens retorna à escola por vontade do pai e contra os desejos da mãe, de que resulta profundo ressentimento por ela.

Seus estudos são novamente interrompidos e aos 15 anos volta a trabalhar: escrevente num escritório de advocacia, repórter nos tribunais e, finalmente, cronista parlamentar e repórter de jornal. Realiza trabalhos para *The Mirror of Parliament* e para o periódico liberal *The Morning Chronicle*.

Em 1833, Dickens publica, sob o pseudônimo Boz, artigos, crônicas e cantos, os quais começam a dar-lhe certa popularidade.

Em 1836, convidado para fazer umas legendas que acompanhariam uns desenhos do famoso artista Seymour, acerca de um clube esportivo, Dickens escreve episódios tão interessantes, que não tarda a tornar-se mais querido que o desenhista. Surge, assim, o admirável livro de humor: *Pickwick*. Dickens, popular internacionalmente, torna-se editor da revista mensal *Bentley's Miscellany*. É também nesse ano que se casa com Catherine Hogart, com quem tem nove filhos, e da qual se separa em 1858.

Em 1837, *Oliver Twist* é publicado em folhetins no *Bentley's Miscellany*; 1838, publica mensalmente *Nicholas Nickleby*; e, em seguida, produz fascículos de *The Old Curiosity Shop* e *Barnaby Rudge*.

A seguir, começa a publicar anualmente histórias de Natal, iniciando com *A Christmas Carol* em 1843, que estão reunidas sob o título *Contos de Natal*.

Em defesa da sociedade, lutando por reforma da educação, medidas sanitárias, desobstrução de favelas, introduz temas sociais em novelas como *Dombey and Son* (1846-1848).

Em 1850, funda o semanário *Household Words*, para o qual contribui com os folhetins *Child's History of England* (1851-1853), *Hard Times* (1854), *A Tale of Two Cities* (1859) e *Great Expectations* (1860-1861). Ao mesmo tempo, continua o trabalho em suas novelas: *David Copperfield* (1849-1850), *Bleak House* (1852-1853), *Little Dorrit* (1855-1857) e *Our Mutual Friend* (1864-1865).

Em *The Cricket on the Hearth* (O Grilo da Lareira), Dickens oferece-nos uma criação de seu espírito festivo, com pinceladas do sobrenatural, exaltando a beleza da infância.

Em 1858, Dickens inicia uma série paga de apresentações de suas leituras, apresentações num total de quatrocentas. Apesar de elas o deixarem muito feliz por estar em contato direto com o público, também o deixam frequentemente exausto e doente.

Após sua separação, Dickens muda-se permanentemente para sua casa de campo chamada Gad's Hill, perto de Chatham, em 1860.

Dickens é obrigado a abandonar seus turnos de leituras em 1869, depois que sua saúde começa a declinar. Refugiado em Gad's Hill, inicia o trabalho em *Edwin Drood*, o qual nunca se completou.

O grande escritor morre repentinamente, em casa, em 9 de junho de 1870 e é enterrado na Abadia de Westminster.

Table of Contents

[Canto Primeiro](#)

[Canto Segundo](#)

[Canto Terceiro](#)

[Biografia](#)